Campo Lindo: Memórias de minha terra natal

José Alves Neto

APRESENTAÇÃO

Este livro é constituído de fatos da vida de José Alves Neto e, também, de pesquisas realizadas por ele, que as registrou, e que estão sendo levados a público, após sua morte. Trata-se, portanto, de reminiscências, como diz o autor, mas também de documentário, visto que traz nomes, números, datas.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, o autor apresenta Campo Lindo, sua terra natal, historiando a origem do povoado, das primeiras famílias que ali se instalaram, da evolução do lugar. Na segunda, faz uma espécie de autobiografia que denomina de reminiscências.

Este trabalho, um misto de documentário e autobiografia, usa a linguagem simples de um autodidata, já que seu autor teve um período curto de escolaridade formal. Mas esse pouco foi suficiente para fazer despertar nele o amor pela leitura e pela escrita, amor que se materializou na produção deste livro, que a família hoje socializa com os demais familiares e amigos.

Na parte inicial, reservada a apresentação de Campo Lindo, o livro fala da origem desse lugar, de como se transformou de fazenda a distrito de Reriutaba. Narra ocorrências que mostra a religiosidade de seu povo que segue as características de fé do povo brasileiro, que se forma como povoação com a construção de uma capela. Fala das atividades religiosas, enfatizando a presença dos padres que por lá passaram.

O livro fala, também, das primeiras famílias do lugarejo, aquelas que constituem o núcleo original e das quais se registra a presença ainda hoje. Desse modo, o livro nomeia os Alves, os Borges de Medeiros, dos quais o autor descende; os Lopes e os Quirinos, dos quais sua esposa Terezinha procede.

O trabalho revive fatos da vida sócio-política do lugar, ressaltando a relação de Campo Lindo com a sede do Município de Reriutaba. Apresenta uma relação dos prefeitos e dos presidentes da Câmara Municipal, órgão legislativo do qual Zeca Alves participou como vereador e presidente.

A segunda parte relata a vida do autor, remonta a sua juventude, registrando de forma singela e minuciosa a iniciação e o caminho que trilhou como cidadão, nascido na Zona Rural e transplantado para cidade, inclusive para a capital de seu estado, Fortaleza, onde residiu por algum tempo.

Salientamos que a obra mantém a ordem, a estrutura de linguagem dada pelo autor, sem alterações que possam retirar a originalidade do trabalho. Entendemos que o livro pode e deve ser utilizado para pesquisas sobre Campo Lindo.

Maria Aurora Rocha Costa
(sobrinha)
Professora da UECE,
formada em Letras e Mestra em Linguística

Prefácio

As ideias apresentadas neste livro são fruto de uma imensa vontade de contar a história de uma família, que é a principal responsável pela fundação de um lugarejo chamado Riachão de Cima, hoje conhecido por Campo Lindo.

É uma obra elaborada por um homem com pouco conhecimento acadêmico, porém pelo seu hábito de leitura conseguiu, mesmo com dificuldade, expressar seu amor por sua terra natal através de escritos, os quais após devidamente organizados transformaram-se nesta obra literária de grande valor sentimental e histórico para todos os descendentes das famílias Alves, Lopes, Borges de Medeiros, Lima, Quirino...

Estou certo de que não somente os familiares, mas todos os filhos de Campo Lindo estão orgulhosos do conterrâneo ilustre Zeca Alves, que tornará, através deste livro, o povoado onde nasceu muito mais conhecido, principalmente para as crianças e jovens de hoje e as gerações futuras que muito se orgulharão do lugar onde nasceram seus antepassados.

Lendo o livro Campo Lindo: Memórias de minha terra natal, você vai conhecer um pouco mais o homem íntegro, honesto, responsável, de caráter burilado que foi José Alves. E quem o conheceu, pode testemunhar todos esses valores creditados a ele, principalmente no desempenho das suas atividades no comércio, na política e em seu apostolado como homem de Igreja. Sem dúvida alguma um exemplo a ser seguido, sobretudo como pai de família.

Estava previsto nos planos do senhor José Alves lançar este livro ao lado dos parentes, amigos e moradores de Campo Lindo e Reriutaba, porém isso não foi possível porque fez a sua grande viagem antes da conclusão do mesmo. Visando dar continuidade ao seu projeto, a família reuniu todos os esforços para que esse seu sonho se tornasse realidade.

Gonçalo Flamarion Lopes e Silva, genro

ÍNDICE

Apresentação

Prefácio

I PARTE

Dados de Campo Lindo 7
O Povoado 9
O Fundador de Campo Lindo 11
A Fazenda Velha 22
Proprietários da Fazenda Riachão 23
O nome Campo Lindo 26
A primeira Capela 28
A segunda Capela 29
O Primeiro Comerciante 31
Origem da família Alves 38
Origem da família Lopes 44
Origem da família Quirino 46
Origem da família Borges de Medeiros 47
Filhos ilustres de Campo Lindo 48
Obras públicas 62
Comerciantes e encarregados de encargos 64
Relação dos prefeitos e interventores de Reriutaba 68
Relação dos presidentes da Câmara Municipal 69
Relação dos Párocos da paróquia de Reriutaba 70

II PARTE - Reminiscências

Meu primeiro dia de comércio 75
As Primeiras festas do Padroeiro 76
Tipos Populares 79
O Cinquentenário 82
Bodas de Ouro 83
Detalhes de duas vidas 85
Mensagens da família 89
Álbum de família 101

DADOS DE CAMPO LINDO

Isto aqui são dados de Campo Lindo, não é uma história, até porque Campo Lindo apesar de seus cinqüenta e três anos, não conta ainda com elementos ou fatos importantes que cheguem à dimensão de uma história. Ë uma terra muito pobre de bens e de cultura, não tem estrutura nem base para um início de desenvolvimento ou progresso, a única coisa que tem como sobrevivência básica da população do lugar é aquele sistema rotineiro próprio da região, que é a agricultura de enxada e o pequeno comércio. Ninguém aventura assim partir para outras coisas.

Os dados de Campo Lindo

Os antecedentes das principais famílias residentes atualmente no lugar foram possuidores de algumas propriedades rurais de bom porte e bastante gado, no início do século passado, que hoje estão subdivididas em dezenas de pequenas propriedades, e a maioria já em poder de outras famílias. Mas isso aqui no Nordeste é um bem que geralmente é destruído pelas grandes secas que periodicamente chegam acabando com tudo, como foram 1888, 1919, 1958 e até mesmo as últimas de 1993 e 1998, que não foram tão grandes mas que destruíram bastante. Esses dados escritos aqui são apenas rascunhos de anotações e quem viu tudo pessoalmente e anotou, ou melhor um resumo daquilo que foi o início de campo Lindo. Como começou a idéia da primeira capela, quem foram seus construtores, as pessoas que colaboraram com a construção da mesma, as primeiras festas do padroeiro, que deixaram tantas recordações, o nome Campo Lindo, os antigos proprietários da Fazenda Riachão de Cima. Na

época, 1948, foi feita a biografia somente de dois fazendeiros, por serem na época os mais importantes, Manoel Lopes de Medeiros , o fundador, por ter dado o terreno para a localização da capela e ter sido também o construtor da mesma, e realmente o fundador do lugar. E Manoel Borges de Medeiros (Belo Borges) por ter colaborado muito com a construção da primeira capela e ajudado nas festas do padroeiro durante toda sua vida, de 1949 a 1965, ano em que faleceu.

Dos comerciantes de Campo Lindo, foi feita a biografia apenas do primeiro comerciante, José Alves Neto, por ter sido o que mais colaborou com o progresso do lugar no seu início, e de modo geral ajudou a fundar o povoado e teve um elo de ligação tão grande com o lugar no seu início a ponto de não dar para fazer a história de Campo Lindo descartando o nome do mesmo.

No início de Campo Lindo, 1949 a 1962, teve aqui uma oficina de ferreiro que ajudou muito o lugar e o dono levava uma vida de burguês, um ferreiro de Ibiapina que se mudou para Campo Lindo, chamava-se Messias, aqui, devido à profissão, ganhou o nome de Messias Ferreiro, trabalhava muito bem, vinha gente de longe, até de outros municípios mandar calçar e bater lavancas, picaretas, chibancas e outro ferros. Quando foi embora fez muita falta ao lugar e à região, até hoje não apareceu ninguém que o substituísse nesse ramo, tão simples e fácil de aprender.

A construção da primeira capela, o seu construtor, os encarregados da mesma desde seu início 1949, até hoje, contou com o vigário da paróquia de Reriutaba na época, Padre Expedito Silveira de Sousa, que autorizou a construção da mesma, dando sua assistência paroquial, tornou-se assim o fundador de honra do lugar. A segunda capela foi iniciada em 1976 e concluída em 1982.

Os prefeitos de Reriutaba colaboraram com Campo Lindo, a partir de 1955, até hoje com obras públicas. Esses dados são um demonstrativo da origem das famílias Alves e Borges de Medeiros,

minha família, e Lopes e Quirino, de minha esposa Terezinha. Finalmente os filhos ilustres de Campo Lindo, formados e bem sucedidos lá fora.

Foi anexado também a esta uma relação dos prefeitos e interventores municipais de Reriutaba e presidentes da Câmara Municipal, desde 1923, na fundação da cidade, até os dias atuais. E também dos vigários da paróquia de Reriutaba, desde 1936 quando foi criada até o momento atual.

O POVOADO DE CAMPO LINDO

Na antiga fazenda Riachão de Cima ou Arraial Riachão de Cima, residiam naquele tempo, de 1948, mais de duas dezenas de proprietários. Nesse ano, teve a sua missa campal e bênção da pedra fundamental da primeira capela, em 02 de setembro de 1948. O doador do terreno foi o proprietário Manoel Lopes de Medeiros e sua esposa Clara Lopes de Medeiros, que foram também encarregados da primeira capela. A primeira missa na capela ainda em construção, foi em 28 de novembro de 1948, a primeira festa do padroeiro, São Sebastião, realizou-se no período de 10 a 20 de janeiro de 1949.

O que motivou a construção de uma capela na fazenda Riachão de Cima, foi que naquela época surgiu uma onda de construções de capelas na região. Primeiro a de Jesus Crucificado no Alto dos Honórios, em 1945, construída pelos proprietários Inácio Martins Memória e Lucas Rodrigues de Brito, da Paróquia de Cariré. Depois a de Santo Antonio, na Palmeira, em 1947, da Paróquia de Reriutaba, construída pelo proprietário José Eugênio Pereira (Zé Eugênio) e sua esposa Maria Madalena Gomes Pereira. E assim foi se formando um movimento em prol da construção da capela de Campo Lindo. Manoel Lopes de Medeiros e sua esposa Clara Lopes de Medeiros gozavam de boa amizade com o vigário da Paróquia de

Reriutaba, Padre Expedito Silveira de Sousa que, sabendo do movimento, ficou muito contente, marcando logo a data para a primeira missa campal.

Quanto à escolha do padroeiro, foi dos proprietários fundadores que já eram devotos de São Sebastião, e faziam seu novenário todos os anos na sua Fazenda Riachão de Cima, desde quando se casaram em 1932, mantendo assim uma tradição que vinha desde o primeiro casamento dele e era muito apreciada pela população da vizinhança. Padre Expedito concordou plenamente e manifestou grande satisfação com a escolha, pois em sua paróquia de Reriutaba não existia nesse tempo nenhuma capela com São Sebastião como Padroeiro. Hoje já tem também a capela do bairro Açude do Mato, em Reriutaba.

Por exigência da Diocese e da Paróquia, foi feita a escritura pública da doação do terreno (duzentos metros quadrados), e registrado no cartório de Registro de Imóveis da Cidade de Reriutaba, a cópia original foi colocada dentro de um litro de vidro branco, tampado com breu e enterrado no alicerce da porta principal da primeira capela. Na demolição da mesma em 1976, ninguém lembrou de tirar e ficou enterrado dentro dos escombros da mesma.

Assim tudo acertado entre o vigário e o encarregado para a construção da capela, começou a campanha para angariar donativos, leilões, doações, listas, etc. O encarregado começou a mandar fazer e comprar o material para a construção, tijolo, telha, madeira e cal. Começou também mandar desmatar uma área para tirar a quadra da terra doada para a construção da capela, o que foi feito com a presença de dezenas de testemunhas.

O comerciante José Alves Neto mandou desmatar uma área confinante com a mesma, pertencente a seu pai, em frente ao seu quarto de comércio, assim as duas áreas desmatadas tornaram-se um campo bem maior, que ligava com a várzea da lagoa, onde hoje está

localizada uma parte do povoado. As árvores desmatadas nesse tempo, sabiás e marmeleiros que eram as árvores da região, os varões cortados e amontoados chegavam a medir oito metros de comprimento, coisa que hoje não se vê mais nesta região. Assim nasceu o povoado de Campo Lindo.

O FUNDADOR DE CAMPO LINDO

Manoel Lopes de Medeiros – Nasceu na fazenda Riachão de Cima em 27 de setembro de 1884, era filho de Raimundo Ribeiro Lopes e de Rosenda Rodrigues de Medeiros, proprietários da fazenda e residentes na mesma. Foi agricultor e pecuarista, possuía três propriedades rurais, adquiridas por herança e compras, uma na serra grande no município de Guaraciaba do Norte denominada Sítio Boa Vista, onde fabricava em média 200 cargas de rapaduras de 1kg por ano, com engenho puxado a bois e tirava também muito café e frutas. As outras duas eram fazendas de porte médio no sertão, uma era a fazenda sede, Riachão de Cima, onde nasceu e criou-se. Entre os anos de 1920 e 1958, tinha na mesma em média 150 gados e criação de cabras e ovelhas. Seus cavalos famosos de seis marchadores e galopeiros, que eram o transporte comum daqueles tempos, eram sua vaidade. Tinha também em média quatro juntas de bois herados para puxar os engenhos na serra e aqui em Riachão, onde fabricava aguardente o ano todo, até 1950. A outra era uma fazenda em Saco Grande, no pé da Serra das Matas no município de Santa Quitéria, hoje Catunda, com cerca de cem gados e muita criação de cabras.

Manoel Lopes de Medeiros teve o privilégio de ser criado por sua avó materna, Eugenia Borges de Medeiros, mãe Ugênia, como era chamada na intimidade, que lhe doou grande parte de suas três propriedades, muito gado e ouro, dando-lhe assim condições de

comprar depois as partes de quase todos os outros herdeiros, chegando a ser dono de quase o total das propriedades rurais que havia pertencido a seus avós maternos.

Possuía também por compra uma casa residencial no centro de Reriutaba, praça da matriz, bastante grande, (chamada casa verde), que nas décadas de 1930/1950, servia de clube dançante para a sociedade reriutabense, onde estudavam e residiam seus filhos mais velhos, Moça, Raimundo, Sebastião e Prazeres. Hoje já reformada pertence à filha mais velha Moça Lopes, viúva de Doquinha. Esta reside, hoje, em Fortaleza, com sua filha Maria Aurora e seu genro José Antenor, ficando na mesma apenas períodos de festas e alguns fins de semana.

Manuel Lopes possuía também na vila de Pacujá, (hoje cidade) uma casa residencial e um ponto comercial no mercado público, bens trazidos por sua esposa Clara Lopes de Medeiros, que quando casaram em 1932, era viúva também. Assim nesse período casado com ela, 1932 à 1954, ele dividia a semana, parte em Riachão e parte em Pacujá. Ela também passava sempre temporadas em Riachão e no Sítio Boa Vista na serra, no verão, mas sua residência mesmo era em Pacujá.

Manuel Lopes era o tipo do homem simples do interior, não estudou em colégios, mas lia e escrevia muito bem, tinha uma caligrafia de fazer inveja a qualquer tabelião, era católico praticante por tradição da família. Com a convivência em Pacujá, ele tornou-se um homem mais bem informado e mais social. Muito comunicativo, era um homem de muitos amigos, um pai de família exemplar e um bom vizinho.

Nunca exerceu nenhuma função pública ou política, mas como político pertencia a União Democrätica Nacional (UDN), partido que em Reriutaba era presidido pelo Cel. Raimundo Rodrigues Martins, do qual era bastante amigo. Seu filho Raimundo Ribeiro Lopes (Neto), já falecido, chegou a ser interventor municipal por quatro meses em Reriutaba em 1946, depois da ditadura Vargas, indicado pelo referido partido.

Manuel Lopes quando solteiro já havia namorado com Clara Lopes Morais, quando era uma jovem ainda, sua parenta da vila de Pacujá, que estudou em São Benedito e tornou-se uma professora famosa em Pacujá. Naqueles tempos, anos de 1908 à 1930, educou muitas pessoas daquela região, que depois tornaram-se também professoras e outros profissionais em Pacujá e outras cidades.

Embora Manoel Lopes naquela época já possuísse bastante terra e gado, soubesse ler e escrever, andasse em cavalo marchador (possuir cavalos famosos naquela época era símbolo de riqueza), fosse ele também um tipão de homem, era um ruralista, um agricultor e assim sendo a professora Clara preferiu o comerciante Antonio Lopes Azevedo, do ramo de loja de tecidos, da mesma vila de Pacujá, pois achou que ele lhe daria uma vida melhor e casou-se com ele.

Por sua vez, Manoel Lopes casou-se também com uma conterrânea Maria Ernestina Silva, em 1909, e cada um foi viver sua vida, esquecendo assim um do outro. Mas o destino os seguia, vinte e quatro anos depois estavam os dois viúvos, portanto livres de novo, ele com dez filhos, ela com um, que faleceu um ano depois que eles se casaram, chamava-se Ninias. Segundo as pessoas que o conheceram, era um jovem de estatura média, físico muito bem feito, cor branca corada, enfim um homem bonito, alegre e simpático, de uma educação finíssima, dada por sua mãe, com muito afeto, amor e diplomacia.

Ainda chegou a namorar uns meses com Prazeres Lopes, enteada de sua mãe, quando na flor da juventude, aos 19 anos de idade, foi fulminantemente atingido pela tuberculose, que naquele tempo assolava tremendamente a região de Jaibaras, e quando ainda não existiam remédios que curassem a doença. Foi um verdadeiro clamor, era o ano de 1933, quando ele faleceu. A família Lopes foi bastante atingida por essa doença, o pai dele havia sido também, há três anos atrás, vítima da mesma moléstia.

Assim, Manoel Lopes e Clara Lopes Morais, acompanhando atentos as voltas que o mundo dá na vida das pessoas, e vendo também o vai-e-vem do tempo, que muitas vezes leva a pessoa a querer hoje o que não queria ontem. Agora os dois viúvos, curtindo solidão e vendo o tempo passar, mas ambos vivendo a esperança de um segundo casamento, pensaram certamente no tempo passado, o que não deu certo naquele tempo, poderia dar certo agora, e acreditando também num futuro feliz para ambos, caso se casassem. Resolveram então renovar aquele antigo namoro da época de solteiros, que o tempo havia levado, ou melhor, aquele amor e se casaram em 1932. Assim Clara Lopes de Morais, (depois Medeiros), tornou-se sua segunda esposa e parceira na fundação de Campo Lindo.

Clara Lopes de Medeiros - do clã da nobre família Lopes de Pacujá, foi uma mulher notável do seu tempo, pela sua maneira hábil e inteligente de administrar as coisas. Em Pacujá, a vida religiosa e a construção da igreja eram tudo sob sua orientação. O altar de São João Batista ainda existe, feito nos anos trinta, sem planta, na base da régua e do plumo, pelo mestre Lindolfo, um pedreiro de São Benedito, sob orientação de Clara Lopes, tem muita arte, é altar para uma matriz, já foram feitas diversas reformas na igreja, mas o altar ainda está do jeito que ela deixou.

Não era formada nem diplomada, apenas estudou um período em São Benedito, mas para o seu tempo era considerada uma

mulher culta, lia muito, entendia muito a Bíblia e era muito religiosa. Foi Presidente do Apostolado do Coração de Jesus em Pacujá muito anos, com um número grande de zeladoras, foi grande o seu sucesso, o que lhe ajudou a fazer amizades com pessoas importantes daquela época, como Monsenhor Mello, pároco de Ibiapina, da qual Pacujá era capela naqueles tempos e até com Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo da Diocese de Sobral, que foi recebido diversas vezes por ela, quando fazia visitas pastorais em Pacujá

Ela, que foi professora mais de vinte anos numa vila bem evoluída, esposa de um comerciante de loja de tecidos, tinha logicamente uma vida boa, se vestia muito bem, a maioria de suas roupas eram feitas em Sobral, usava sempre jóias, cordão de ouro com medalhões, pulseiras, anéis, relógio, óculos dourados muito bonitos, enfim se apresentava com muita elegância. Era considerada na região como uma pessoa de alta nobreza.

Agora, esposa de um agricultor, que apesar de ser dono de muitos recursos em terra e gado, que era a riqueza desta região daquele tempo, levava uma vida grosseira, de agricultor, com um engenho na serra fazendo rapadura, outro em Riachão fabricando aguardente o verão todo, farinhadas, dezenas de trabalhadores todos os dias em diversos tipos de lavouras, dez filhos, quase a metade ainda crianças para acabar de criar, quatro mudos. Foi uma mudança grande na sua vida, mas ela diplomaticamente assumiu a tudo isto, sem pensar duas vezes, confiando apenas na sorte e no final até os enteados mudos ela havia ensinado um pouco a ler e a assinar os seus nomes e todos gostavam dela. Ela tinha um dom especial de fazer amizades e cativar as pessoas. Não morava em Riachão, apenas passava temporadas, sempre os meses de abril e maio de cada ano.

A fazenda Riachão tinha muito pouco conforto naquele tempo, a casa era muito grande mas era de taipa com piso de ladrilhos de barro e tinha um alpendre largo em toda a extensão da casa, com o

mesmo piso, forquilhas de madeira trabalhada, ali tinha bancos, cadeiras, redes armadas, era onde recebiam as pessoas que chegavam. Embora tivesse salão com parte meio aberta, onde preparavam as carnes e gêneros para as comidas, ali matavam criações, galinhas, debulhavam feijão na época de feijão verde e pilavam arroz e café no pilão, no inverno o queijo era feito ali também. Tinha ali também uma mesa grande e dois bancos do mesmo tamanho, onde eram servidas as refeições dos trabalhadores braçais da fazenda. Pela manhã o café com leite e alguma coisa mais, tapioca, beiju, cuscuz, farinha dágua, coisas da própria fazenda. Tinha uns que gostavam mesmo era de meio copo da caninha riachão. Ao meio dia o almoço, que era sempre carne de criação ou feijão com arroz e rapadura.

Os trabalhadores eram os seguintes: do engenho, um cortador de cana, um carregador, um moedor, um estilador, de julho a dezembro. Farinhadas: dois arrancadores e puxadores, quatro raspadeiras, um carregador, um cevadeira, um tiradeira de goma, um forneiro, um prenseiro, nos meses de junho a setembro. Colheitas de feijão, algodão e milho, nos meses de junho a outubro. Os de brocas e derrubas nos meses de setembro a novembro, preparo de terra para plantar meio alqueire de milho. Os de preparar terra para novo plantio de cana e mandioca nos baixios, nos meses de maio a julho. Os de consertos de cerca, a fazenda tinha 15 quilômetros de cercas de madeiras que todos os anos precisavam ser consertados nos meses de setembro a dezembro. Os do comboio de rapadura e farinha para vender nas feiras, Reriutaba, Pacujá, Cariré, Macaraú. Os de entregar aguardente em diversos lugares, Santa Quitéria era a mais distante.

A fazenda Riachão de cima, tinha em média quatorze moradores e o vaqueiro, todos com famílias em média de quatro pessoas, que trabalhavam pelo menos três dias por semana para a fazenda em serviços temporários, ganhando o salário da região na época. Os solteiros faziam questão de trabalhar a semana toda porque

queriam dinheiro para comprar roupas e calçados e gastar nas festas nos fins de semanas. Os casados se forneciam na própria fazenda que mantinha um estoque de produtos de primeiras necessidades especialmente para fornece-lhes. No fim de semana era feita a conta, quem tinha saldo recebia. Tinha, também, bastante serviço, no sítio Boa Vista na Serra Grande, e na fazenda Saco Grande no alto do sertão, município de Santa Quitéria, que muitas vezes os moradores daqui iam trabalhar lá, em serviços temporários.

A fazenda Riachão de Cima, - Manoel Lopes de Medeiros adquiriu a fazenda Riachão de cima no ano de 1915, quando faleceu sua avó materna Eugênia Borges de Medeiros, que como falamos havia lhe doado por morte grande parte da mesma e o sítio Boa Vista na Serra Grande. Ele não foi herdeiro, quem herdou foi sua mãe que ainda era viva, mas em doação deixada por ela, ele recebeu em terra e gado quase o equivalente a todos os outros herdeiros (ele era o primeiro neto e foi criado por ela). Na década de 1920, ele chegou a ser dono de quase o total da propriedade comprando as partes dos herdeiros, pois todos eram muito pobres.

A tromba dágua, - No ano de 1917, dois anos depois dele adquirir a fazenda Riachão de Cima, caiu nas nascentes do rio Riachão, no lugar chamado (buqueirão do berra) uma grande tromba dágua, derretendo a aba da serra e descendo rio abaixo uma imensa avalanche de pedras, terra e lama. Foi tão grande que chegou a carregar três casas residenciais e uma casa de farinha, o local das mesmas nunca mais se soube onde era. Na fazenda Passagem Larga, dez quilômetros de distância rio abaixo, tem pedras do tamanho de uma casa pequena, trazidas por essa alavanche. Morreram na mesma nove pessoas, uma foi enterrada na fazenda Riachão, onde foi encontrada. No local ainda tem a cruz e uma casinha que um pagador de promessa mandou fazer. O morto chama-se Antonio Porfírio.

Segundo comentários da tradição, uma pessoa de Campo

Grande, hoje Guaraciaba do Norte ia para Juazeiro do padre Cícero fazer uma romaria no começo do inverno de 1917, que estava escasso. Um vizinho lhe deu uma moeda de um cruzado para dar ao padre Cícero para ele mandar de chuvas, ele não entregou com medo, mas ao se despedir, Padre Cícero lhe cobrou; - você trouxe uma encomenda para mim, vai voltar sem entregar. Ele entregou e disse para que era, padre Cícero achou muito e devolveu 200 reis, mandou dizer que a metade era suficiente, aguardasse. E depois deu no que deu.

Ainda de acordo com comentários da tradição, pessoas que viram pessoalmente essa grande tragédia contavam que se formou no nascente um mormaço de nuvens pretas e arredondadas que pareciam bolas, vindo em direção da serra, bem baixinhas quase encostando na terra, ao chegar na região da propriedade da pessoa que havia mandado a moeda, que era na cinta da serra, ela se despencava de uma vez dando grandes estrondos, trovões tão fortes que a terra tremia, chegavam a ser ouvidos até no estado do Piauí.

Um palpite feliz – Raimundo Honório de Brito chegou a ser dono da maior loja de modas, tecidos finos e artefatos de luxo, perfumaria de alta linha, que já teve em Reriutaba nos anos de 1924 a 1948. Nesse tempo, ele tinha 17 anos e trabalhava na roça com seu pai, estavam fazendo farinhada na dita casa de farinha que a avalanche levou e estavam com o comboio pronto para voltar no outro dia cedinho, ele e seu irmão Antônio, que lhe deu um palpite de voltar logo nesse dia. Eram duas horas da tarde quando eles saíram, às cinco horas começou a tromba dàgua. O forneiro da mesma farinhada deles ficou para dormir na casa de farinha, no outro dia foi encontrado morto no meio do lamaçal, a dez quilômetros de distância do local da casa de farinha. História contada por ele, Raimundo Honório. Diversas vezes ouvi ele contar esta história, bastava a gente perguntar: seu Honório, se você tivesse dormido na casa de farinha , ele respondia logo – tinha morrido do mesmo jeito do forneiro.

A grande mudança da fazenda Riachão de Cima - Como não tem mal que não traga um bem, assim foi com essa inundação. A grande avalanche de pedras, terra e lama que desceu rio abaixo formou os baixios nas beiradas do rio riachão numa grande extensão, fazendo da região uma pequena Canaã. A fazenda foi a grande beneficiada devido a largura de seus baixios que chegavam a medir em média quatrocentos metros de largura, terra que antes era seca e sem fertilidade, onde só tinha oiticica, sem valor nenhum, tornou-se terra úmida e fértil, onde dava cana que chegava a dar quatro toras e mandioca que um homem não levantava em pé. Foi assim que começou o grande progresso da fazenda riachão. Manuel Lopes montou a fábrica de rapaduras com engenho de madeira, que depois de três ou quatro anos trocou por um de ferro e montou a fábrica de aguardente no ano de 1922. Esta funcionou até os últimos anos da década de 40, ou seja, até 1948, quando parou por completo, porque o rio afundou e os baixios começaram a secar, as canas não cresciam mais, ficou somente naquelas partes mais baixas, plantadas somente para fazer forragens para o gado. Continuou, portanto a cultura de mandioca, essa até hoje ainda dá bem. Foi o começo do declínio, o auge do progresso da fazenda foi nos anos de 1918 a 1948, 30 anos.
A grande seca de 1958, a maior do século, foi uma tragédia para ele, como foi para todo pecuarista nordestino, perdeu mais da metade de seu gado nas duas fazendas, Riachão e Saco Grande e a parte que escapou, cerca de cem cabeças, ficaram compradas e muito caras. Nos quatro anos que ainda teve de vida, já velho e doente não foi possível recuperar mais nada.

Manoel Lopes casou-se três vezes na sua vida, a primeira com Maria Ernestina Lopes, em 1909 que faleceu em 21 de janeiro de 1929, deixando 10 filhos. A segunda, com Clara Lopes, em 1932, que faleceu em 24 de agosto de 1954, dia do suicídio do presidente Getúlio Vargas, não deixando filhos. A terceira, com Emiliana

Ximenes Lopes em 1955, viúva também, falecida em 26 de julho 2001. Viveu seus últimos anos de vida em Camocim, junto a seus três filhos, Francinete, do primeiro casamento, Fátima e Juscelino do segundo, com Manoel Lopes.

Manoel Lopes faleceu em 12 de abril de 1962, com 78 anos de idade, no povoado de Campo Lindo, deixando 12 filhos, 10 do primeiro casamento, 02 do terceiro, todos casados e alguns já falecidos. Abaixo estão relacionados os filhos:

1º - Francisco das Chagas Lopes (Chichico - falecido).....esposa: Maria Araújo Lopes

2º - Raimundo Ribeiro Lopes (falecido) .....esposa: Terezinha Uchôa Lopes

3º- Maria das Dores Lopes (Moça)..... esposo: Raimundo Soares Rocha- Doquinha (falecido)

4º- Sebastião Irapuã Lopes – (falecido).....esposas: Maria Lili Catunda e Maria Prazeres Brito (falecidas)

5º - Maria dos Prazeres Lopes .....esposo: Vicente Gomes Filho (falecido)

6º - Joaquim Sólon Lopes – (falecido) .....esposa: Alice Holanda Lopes (falecida)

7º - Gonçalo Jéferson Lopes – (falecido) .....esposa: Francisca Altacir Lopes (falecida).

8º - Aníbal Pascoal Lopes .....esposa: Antonia Paiva Lopes (Antonieta).

9º - Rita de Cássia Lopes (Ritinha) ..... esposo: Raimundo Nonato Silva – Mundinho (falecido)

10º - Terezinha de Jesus Lopes.....esposo: José Alves Neto

11º - Maria de Fátima Ximenes Lopes .....esposo: Paulo Augusto Ferreira

12º - Manuel Juscelino Lopes.....esposa: Luiza Socorro Fernandes (Perpétua)

Manuel Lopes não formou nenhum filho, mas hoje já tem 23 netos e 16 bisnetos formados, em diversos campos profissionais, aqui relacionados:

Filhos de Raimundo Ribeiro Lopes:
Edilberto Uchoa Lopes: Medicina Veterinária
Evander Uchoa Lopes: Engenharia Civil
Edmundo Uchoa Lopes: Agronomia
Edílson Uchoa Lopes : Engenharia Civil
Creuza Uchoa Lopes : Farmácia e Bioquímica
Dalva Uchoa Lopes: Administração de Empresa
Liduina Uchoa Lopes: Medicina – Pediatra

Filhos de Prazeres Lopes
Manoel Wilson Lopes Gomes : Agronomia
Antonio Carlos Lopes Gomes: Engenharia Civil
Raimundo Nonato Lopes Gomes: Medicina Veterinária
Luzia Lopes Gomes: Direito
Margarida Lopes Catunda: Teologia

Filhos de Sebastião Lopes:
Maria do Socorro Catunda Lopes: Letras

Filhos de Terezinha Lopes;
Maria Ernestina Alves dos Santos: Administração de Empresa
Maria de Fátima Alves e Silva: Pedagogia
Francisco Antonio Alves Lopes: Economia
Tereza Orlene Alves Braga: Pedagogia
Maria do Livramento Alves Rêgo: Ciências Sociais

Filha de Gonçalo Lopes
Rita Maria Lopes: Pedagogia

Filha de Moça Lopes
Maria Aurora Rocha Costa: Letras - Mestrado em Lingüística

Filhos de Ritinha Lopes

Gonçalo Flamarion Lopes e Silva: Matemática

Maria da Cruz Lopes Almeida: Pedagogia

Maria do Socorro Lopes: Pedagogia

Netos de Sebastião Lopes

Aparecida Lopes - Francisco Lopes Sousa: Odontologia

Arimatéia Lopes - Mônica Lopes Caldas: Fonoaudiologia

A FAZENDA VELHA

Esta era a antiga fazenda velha, (Riachão de Cima), principal residência de Manoel Lopes. Aqui ele viveu a maior parte de sua vida e criou a primeira família, desde 1910 quando foi construída a casa velha, até o ano de 1950, quando construiu a casa de Campo Lindo.

Ali ficava a fábrica de aguardente, menina de sus olhos naqueles tempos, que funcionou no período de 1922 até o ano de 1948, sendo a maior fonte de renda da fazenda.

Dessa fábrica a única coisa que ainda existe como lembrança são umas forquilhas velhas de aroeira muito grossas e rústicas no lugar onde era a casa da fábrica, pertinho do açude.

A fazenda velha pertence hoje a herdeira Terezinha de Jesus Alves, filha caçula da primeira família e a seu esposo José Alves Neto, que herdaram uma parte em 1963 e compraram depois mais três, fazendo assim quatro partes de um total de sete partes.

A casa velha que foi construída em 1910, era muito grande, mas construída com taipa e piso de ladrilhos de barro. Foi demolida em 1980 e construída no mesmo lugar uma de alvenaria com piso de cimento, pelos novos proprietários, que é a que existe atualmente.

Quase não existe mais nada que relembre o que era realmente a fazenda velha, a não ser o açudinho e as árvores grandes e antigas que

circundam a mesma, os pau-darcos velhos, um Juazeiro e uma tamarineira que ainda existem, e que segundo dizem as pessoas mais velhas estão perto de completarem um século de existência.

A vista panorâmica, a paisagem da fazenda velha estava hoje muito melhor que era outrora. A casa de alvenaria é mais bonita, a casa de farinha que havia sido feita em 1918, também, foi construída uma nova, e renovados todos os utensílios, dando assim uma melhor impressão para quem entra nas mesmas e para quem passa na estrada que fica no final do pátio da fazenda e que liga Reriutaba a Pacujá. A impressão que dá é de uma coisa muito melhor do que o que realmente era.

Em outubro de 2002 foi inaugurada a energia elétrica na Fazenda, um sonho de muitos anos, o que deixou a Fazenda mais bonita, mais rica, desfrutável e mais proveitosa.

PROPRIETÁRIO DA FAZENDA RIACHÃO EM 1948, ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA CAPELA DE CAMPO LINDO

Manuel Borges de Medeiros era também proprietário da antiga fazenda Riachão. Conhecido como Belo Borges, era filho de Felipe Borges de Medeiros e de Francisca Borges de Medeiros (Pai Felipe e mãe Chiquinha). Era o segundo proprietário em situação econômica naquela época, nasceu na mesma fazenda em 08 de Janeiro de 1888, e residiu na mesma toda sua vida. Era primo legítimo do fundador e eram muitos amigos. Foi grande colaborador na construção da primeira capela, maior arrematador dos leilões em benefício da construção da mesma e também das festas religiosas em Campo Lindo, desde a primeira em 1949 até 1965 quando faleceu.

Manuel Borges era agricultor e pecuarista, possuía três

propriedades rurais de médio porte, duas na serra grande, no município de Guaraciaba do Norte denominadas, Sítio Lagoa e Sítio Potó, com fábrica de rapaduras, café e muitas fruteiras. Lá ele passava a maior parte do verão. A outra era a fazenda Boa Fé, localizada dentro da fazenda Riachão de Cima, sua principal residência.

Teve participação direta na política de Campo Grande, naquele tempo, (anos de 1920), chegando a ser vereador da câmara municipal de Campo Grande, hoje Guaraciaba do Norte, da qual Reriutaba era distrito nessa época. Participou da Câmara Municipal que deu posse a Câmara Municipal de Santa Cruz e ao primeiro prefeito em 25 de setembro de 1923 (na fundação da cidade). Fazia parte da política do Coronel José Teodoro Soares, fundador e primeiro prefeito de Santa Cruz, depois Santa Cruz do Norte e hoje Reriutaba.

Casou-se duas vezes, a primeira com Maria dos Prazeres Mendonça, com a qual teve duas filhas: Francisca Borges de Medeiros e Maria Borges de Medeiros. A segunda com Vitalina Trajano de Medeiros (Dona Cilina), tendo dois filhos: Raimundinha Borges, residente em Reriutaba e Manoel Trajano Borges, residente no Rio de Janeiro.

Manuel Borges de Medeiros faleceu em 29 de maio de 1965, com 77 anos de idade, no povoado de Campo Lindo.

OUTROS PROPRIETÁRIOS DA MESMA ÉPOCA

Raimundo Alves do Nascimento
Antonio Alves de Sousa
Felipe Alves de Medeiros
Jacinto Alves de Medeiros
Domingos Alves de Medeiros
Belarmino Alves de Medeiros

Antonio Alves de Mesquita
Domingos Borges de Medeiros
Antonio Borges de Medeiros
Francisco Borges de Medeiros
Francisco Balbino de Lima
Manoel Balbino de Lima
Manoel Arcelino de Lima
Francisco das Chagas Lopes
José Ribeiro Lopes
Manoel Furtado Ximenes
José Antonio do Nascimento
Pedro Antonio de Sousa
José Pedro de Oliveira
Francisco Chagas de Oliveira
Joaquim Ribeiro Lima
Cicero Ribeiro Lima
Joaquim Lima de Abreu
Francisco Gregório Sobrinho
Abílio José do Nascimento
Raimundo Nonato Juliano

OS MORADORES (década de 30/50, os que conheci)

Francisco Alves Garrote
Gildo Fereira Alves
Francisco Ricardo Cordeiro
João Mariano de Sousa
Antonio Tomaz Daniel
Raimundo Cardozo
José Simão Penha
Antonio Simplicio Costa

Vicente Duarte Quede (2º vaqueiro)
Candido Alves (1º estilador)
Raimundo Batista Neponucena (Patacão)
Francisco Cordeiro da Silva
Rdo. Candido Alves (2º estilador)
José Ribeiro Lopes (irmão)
Antonio Patricio Preto (1º vaqueiro)
Mariano João de Souza
Luiz Quedê Duarte(3º vaqueiro)
Francisco Domingos da Silva

O NOME CAMPO LINDO

Na Fazenda Riachão de Cima ou Arraial Riachão de Cima residiam nesse tempo, em 1948, mais de duas dezenas de proprietários, tinha três campos que também eram chamados de Várzeas, com carnaubeiras muito altas e bastante copadas, distantes umas das outras que formavam uma beleza de paisagem. Tinha a várzea do calabaço, a várzea do meio e a várzea da lagoa, chamada lagoa do riachão, separadas uma da outra. Como naquele tempo ainda existia bastante mata na região, aqueles campos formavam um verdadeiro paraíso de paisagem, especialmente no inverno quando estava tudo verde. Uma dessas várzeas, a do lado norte que ligava com a lagoa, era tão bonita que no inverno quando a lagoa estava cheia apresentava uma paisagem parecida com as do pantanal Matogrossense. Hoje não tem mais a beleza daquele tempo, nasceram muitas moitas de mufumbo pelo meio, moitas rasteiras, parecendo assim uma região de agreste ou carrasco, diminuindo os campos e tirando assim a beleza da paisagem. As carnaubeiras altas e frondosas também não existem mais.

Padre Expedito gostava muito de andar a cavalo, e quando estava na fazenda, fazia sempre à tardinha grandes cavalgadas naqueles campos, ia e voltava repetidas vezes e dizia que achava muito bonito aqueles campos, foi daí que lhe veio a idéia de mudar o nome do lugar.

No fim do ano de 1948, Padre Expedito foi um passeio ao Sul do País e lá conheceu uma cidade no estado de São Paulo de nome Campo Limpo, e achou muito bonito o nome, que lhe deu inspiração para o nome Campo Lindo. Quando chegou, combinou com os proprietários fundadores, que concordaram plenamente, estava assim escolhido o novo nome.

Mas o povo em geral só tomou conhecimento da mudança, quando Padre Expedito anunciou na última novena da primeira festa do padroeiro, São Sebastião, em 19 de janeiro de 1949, tendo sido aplaudido por unanimidade, estava assim oficializado o nome CAMPO LINDO.

Padre Expedito, ao chegar em Reriutaba, comunicou às repartições públicas a mudança de nome, à Prefeitura, Correio, Coletoria, Cartório às pessoas desta região que tinham parentes no Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil, avisaram aos mesmos de forma que depois de três meses não chegava mais uma carta ou qualquer tipo de correspondência que não fosse com o nome Campo Lindo.

O vigário Padre Expedito Silveira de Sousa e os proprietários fundadores chegaram a receber muitas cartas de pessoas desta região residentes em outros estados e outras cidades, parabenizando pela mudança e beleza do nome CAMPO LINDO.

A PRIMEIRA CAPELA DE CAMPO LINDO

A primeira, capela construída pelo fundador, era muito pequena. Construída muito apressadamente e com material muito ruim (tijolos mal queimados), era um simples quartinho de orações. Construída simplesmente sob o encargo do pedreiro José de Alencar Mota, conhecido como mestre Mota, que já havia feito a capela da Palmeira, da mesma forma, sem planta ou mesmo sequer um desenho de uma pessoa que entendesse do ramo. Tinha dez metros de cumprimento por cinco de largura por fora, tinha uma sacristia de dois metros, separada por uma parede dobrada com duas portas estreitas de um e outro lado do altar, por onde o padre passava depois de paramentado para as celebrações. A parede com o altar tomavam quase dois metros, em resumo, três paredes dobradas, duas nos oitões e uma no meio, a sacristia e o altar, tomavam mais de quatro metros, ficando assim pouco mais de cinco metros de espaços para os assistentes. O teto tinha uma tesoura de madeira cerrada e as linhas e os caibros eram de madeira redonda e as ripas de madeira lavradas. Serraria naquele tempo só existia em Sobral, tudo era difícil. O piso era de tijolos comuns ladrilhos de barros, como se chamava. Tinha calçadas de um metro de largura, de um e outro lado do patamar de quatro metros com o mesmo piso. A porta da frente tinha um metro e meio de largura por dois e vinte de altura, duas portas em cada lado e uma na parte de trás. A frente da capela era para o norte, foi uma exigência dos fundadores porque a residência dos mesmos ficava para esse lado. Mesmo construída nestas condições tão precárias resistiu até o ano de 1974 (26 anos). Quando apresentou sinais que ia cair devido ao grande inverno daquele ano, um grupo de homens do povoado se juntou e escorou a mesma com carnaubeiras, e assim desse jeito ficou quase dois anos. O povo já quase não tinha esperança de ver outra capela construída em Campo Lindo. O encarregado nessa

época era João Paulo Passos.

As celebrações dos anos de 1975 e 1976 foram feitas do lado de fora da capela porque o padre não confiava entrar na mesma assim escorada com carnaubeiras. Em 1977 foram feitas as celebrações em cima dos alicerces da segunda capela, e em 1978 já foi dentro da capela nova ainda sem piso e sem reboco.

O sino da primeira capela foi cedido pelo vigário Padre Expedito Silveira de Sousa, era o sinozinho da primeira igreja da Reriutaba, que vivia encostado, serviu até o terceiro ou quarto ano, quando foi comprado um de Juazeiro do Norte, novo e bem maior, que é o que funciona até hoje.

No ano da inauguração da primeira capela em 1949, foi comprado também uma cômoda de madeira e todos os paramentos para o Padre, necessários para uma celebração. Isso hoje não existe mais.

A SEGUNDA CAPELA

Amadeu Alves de Medeiros foi o construtor da segunda capela de Campo Lindo. O vigário da paróquia de Reriutaba, na época, janeiro de 1976, Monsenhor José Ataíde de Vasconcelos, notando a fraqueza na função e falta de patriotismo pelo lugar do então encarregado, João Paulo Passos, achou que com ele no cargo era quase impossível construir outra capela em Campo Lindo, uma vez que o homem não tinha nenhum interesse pelo progresso do lugar, apesar de muito religioso e muito trabalhador. Trabalhava exclusivamente pelo seu próprio interesse, passou sete anos como encarregado e não fez melhoramento sequer de um tijolo na capela nesse período. João Paulo Passos não era filho de Campo Lindo, era, portanto muito natural não ter interesse pelo progresso do lugar, veio para o Campo Lindo como encarregado da administração municipal

e como inspetor de quarteirão do distrito, indicado pela política da Arena, partido a que pertencia. Veio, portanto, procurar sobrevivência, mas com todas as chances de melhorar de vida e melhorou só que não ficou em Campo Lindo e nem ninguém dele. Por insinuações de pessoas que não gostavam da família Alves e nem de Campo Lindo, Monsenhor José Ataíde de Vasconcelos entregou também a igreja a ele. Assim o homem se tornou em Campo Lindo um verdadeiro Ditador.

Mas quando o Monsenhor viu a capela caindo, escorada com madeiras há quase dois anos, sem ele tomar nenhuma providência, procurou ver o livro-caixa da capela para ver o saldo e encontrou o mesmo quase zerado. Aí não pensou duas vezes, convocou logo o povo campolindense para uma reunião com a finalidade de escolher um novo encarregado para a capela de Campo Lindo e combinar um plano para a construção de uma segunda capela. Foi escolhida uma comissão, porque ninguém concordou em assumir sozinho o encargo. A comissão escolhida foi, Amadeu Alves de Medeiros, Raimundo Pinto de Abreu e o próprio João Paulo Passos, ficando assim o vigário e o povo cheio de esperanças e confiança no trabalho da mesma, o que não aconteceu. Foi realmente uma decepção. A comissão escolhida não funcionou como se esperava, não comparecia às reuniões e quando comparecia nunca chegava a uma conclusão satisfatória. Tinha três encarregados e ninguém era realmente encarregado de verdade.

Assim, Amadeu Alves de Medeiros, atendendo pedido do vigário monsenhor José Ataíde, que resolveu dissolver a referida comissão, assumiu sozinho o cargo de encarregado da mesma, com a missão especial de construir a segunda capela de Campo Lindo. Amadeu Alves assumiu o cargo em junho de 1976.

Era já o segundo semestre do ano de 1976, quando a construção foi iniciada e durou até o ano de 1982. Mudou a frente da

estudar ficava louco de inveja quando via um estudante fardado, seu maior desejo era estudar na cidade, viu o tempo passar e não conseguiu alcançar. Até os 15 anos trabalhava na roça com seu pai, não tinha vocação para o ramo de agricultor, nunca conseguiu tirar uma carreira de mato em capina de enxada igual com os outros trabalhadores, o que lhe frustrava muito. Depois dos 15 anos foi ser camboeiro, um ramo que também não simpatizava, levava farinha daqui da região para a feira de Santa Quitéria, uma feira e outra não, devido ser longe não dava para ir todas as feiras. Na volta trazia estrumo de curral ou chiqueiro para vender na serra. Era uma vida muito dura, não era isto que queria para seu futuro, era o reverso de sua vocação, sonhava portanto com coisa melhor, ir para o Rio de Janeiro, por exemplo, poderia ser uma boa opção, mas seu sonho mesmo era ser comerciante.

Existiam naquele tempo duas bodegas na fazenda Riachão de Cima, uma de José Alves de Medeiros, seu tio e outra de Paulo Furtado de Melo, também casado com uma tia sua, que apavorados com a seca de 1942, foram embora, um para Bacabal no Maranhão e o outro para Carnaubal na Serra Grande, ficando assim o campo aberto para quem quisesse enfrentar o ramo. Era uma chance que ele não podia de maneira alguma perder. Possuía nesse tempo uma vaca parida e dez alqueires de farinha e goma. Vendeu e botou tudo no comércio e finalmente aos 18 anos iniciou o seu comércio de balcão e prateleiras, conseguiu uma casa de taipa, cedida pelo seu conterrâneo Sebastião Lopes, que depois de 1951 tornou-se seu cunhado, ajeitou a parte da frente, uma frente e dois quartos, montou as prateleiras e estabeleceu-se como comerciante, com uma bodega, encontrando assim sua vocação.

Era o mês de junho de 1942, um ano de seca quase total no Nordeste, portanto um ano propício para o comércio de gêneros alimentícios. Assim, aproveitando o tempo, sortiu seu comércio de

gêneros em geral, farinha, feijão, arroz, goma, milho, rapadura, açúcar, café em caroço, sal grosso, querosene, sabão, cigarro, fumo de rolo, bebidas, especialmente, cachaça e também alguns medicamentos, biotônico, capivarol, bromil, aguardente alemã, diversos elixir e comprimidos de todos os tipos. Enfim um sortimento de acordo com o capital e a procura.

Durante o ano de 1942, comprava tudo em Reriutaba, no armazém de Alfredo Silvano Gomes, Agrípio Teodoro Soares, mercearia de José Maria Rego, farmácia de José Aguiar e salina do Horácio. O gênero de exportação que comprava algodão, mamona, cera e peles, levava também para Reriutaba. No início os fregueses eram poucos, podia até jogar dama com alguns amigos que apareciam. De agosto em diante o movimento melhorou, de forma que em dezembro o capital já tinha dobrado.

No ano de 1943 teve que registrar a firma nas Coletorias Estadual e Federal. Nesse período entrou a primeira safra de oiticica que pegava como comerciante. Devido a estrada de Reriutaba ser ruim, tinha até ladeira nos serrotes do Juré e do Muniz, resolveu botar para a Amanaiara, porque a estrada era boa. Foi assim que começou sua transação comercial com Francisco Pinto de Mesquita, maior comprador de gêneros de exportação dessa época, o que fez mudar totalmente seu movimento comercial para Amanaiara. No auge da safra de oiticica o comboio ia até quatro vezes por semana a Amanaiara, levando oiticica e outros gêneros que comprava. A tropa adquirida na época de comboieiro (4 jumentos e 2 burros), agora servia para transportar cargas para Amanaiara. Isso aconteceu nos anos de 1943 a 1958, ano que mudou-se para Reriutaba.

Em 1943 construiu seu primeiro quarto comercial, pequeno, oito metros de cumprimento por quatro de largura partido no meio, que em 1946 foi aumentado e reformado. É o primeiro prédio de alvenaria construído em Campo Lindo. Passou a comprar na cidade

de Sobral em 1943 e em 1944 em Fortaleza. Em 1946 começou comércio de tecidos, primeiro, tecidos populares, mesclas, riscados, chitas, algodãozinho, lona, murins, suras. Depois tecidos melhores para homens e para mulheres, de forma que em 1949 quando começou o povoado já tinha um sortimento bem compatível com a região.

O que fez por Campo Lindo – José Alves Neto foi grande colaborador na construção da primeira capela, fez tudo pelo progresso do lugar no seu início. No verão do ano de 1949, ainda solteiro, mandou fazer um carrossel de madeira com 24 cadeiras, que rodava empurrado por dois homens. Foi feito pelo Mestre Bendé Paiva, (um reriutabense que mudou-se para Campo Lindo) e inaugurado em janeiro de 1950, na segunda festa do padroeiro, com o único objetivo de animar a festa religiosa e os fins de semana do povoado. Funcionava com um sanfoneiro, um baterista, e um triângulo tocando dentro (seu Domingo da Areia), um homem que morava na Areia dos Memórias, e possuía uma sanfona pequena tipo gaúcha. Ele e dois filhos faziam a tocata, o pagamento era dois litros de cachaça e tira-gosto de carne assada e toucinho. Este carrossel foi um verdadeiro sucesso especialmente para a juventude, que brincavam gratuitamente nos fins de semana.

No período que residiu em Campo Lindo, desde seu início em 1948 a 1958, Zeca Alves construiu quatro casas residenciais e quatro quartos comerciais, com o fim exclusivo de colaborar com o crescimento do povoado que era lento demais. Foram pequenas coisas, mas que ajudaram bastante.

Quando ingressou na política foi grande também sua colaboração, tudo que conseguiu foi exclusivamente para o lugar, seu maior desejo era ver o progresso de campo Lindo. Na primeira gestão do prefeito Vicente Pinto de Mesquita, de 1955 a 1958, seu correligionário político, conseguiu estradas para Reriutaba,

Amanaiara, Alto dos Honórios, ligando assim Cariré e Pacujá. Estrada naquele tempo servia apenas para os viajantes comerciais de Sobral e de Fortaleza, porque ninguém possuía carro naquela região, mas era sinal de progresso para o lugar. Conseguiu na mesma gestão, luz elétrica para o povoado, com motor a óleo diesel, uma promessa de campanha que foi realmente cumprida, inaugurada em Julho de 1955, com festa dançante e muitos fogos, o que foi considerado um verdadeiro ato de heroísmo do prefeito, agradando tanto ao povoado como a região vizinha, que vibrava de alegria com os melhoramentos que estavam sendo feitos. Via-se no rosto do povo um contentamento geral.

A luz elétrica foi sem dúvida um grande impulso no progresso de Campo Lindo no seu início, funcionava das 18:00h às 22:00h, mesmo tempo que em Reriutaba, que também funcionava a óleo diesel. Pegou 18 postes de aroeira, comprados na fazenda Flores do Sr. Clínio Memória.

Conseguiu ainda nesta mesma gestão, um cacimbão público localizado no centro da Praça até hoje funcionando, e a limpeza pública no povoado. Vicente Pinto foi o primeiro prefeito a fazer melhorias em Campo Lindo.

Na gestão de José Edmilson Aguiar, 1959 a 1962, conseguiu através do deputado Murilo Aguiar, o primeiro grupo escolar, que funcionou muito tempo, caiu no inverno de 1974 e não foi mais reconstruído. Ficava no local onde hoje é a quadra esportiva feita pelo prefeito Jesuíno Farias Ximenes, em 1995.

Na gestão de Edson bezerra Gomes, 1965 a 1966, conseguiu um poço profundo com motor bomba a gasolina, caixa d'água e chafariz em estrutura de ferro, que também não existe mais, mas que funcionou muito tempo. Conseguiu nestas três gestões, a manutenção da luz elétrica e da limpeza pública do povoado.

SUA VIDA PÚBLICA

José Alves Neto foi vereador por três legislaturas quando já morava em Reriutaba, 1962 a 1972 (uma de dois anos). Foi também presidente da Câmara Municipal de Reriutaba por dois anos, de 1969 a 1970. No governo de Raul Barbosa, 1951 a 1954, assumiu a função de Inspetor de quarteirão em Campo Lindo e no governo de Parsifal Barroso, 1959 a 1962, foi delegado de polícia civil em Reriutaba.

SUA VIDA PROFISSIONAL

Foi lavrador até os 15 anos de idade, depois foi camboeiro até os 18 anos e depois foi comerciante dos ramos de bodega e mercearia, loja de tecidos e compra de gêneros de exportação.

Na grande seca de 1958 foi fornecedor na estrada de emergência Reriutaba-Guaraciaba do Norte, de sociedade com seu cunhado Raimundo Lopes, forneciam 34 turmas. Em 1959 voltou novamente ao comércio de tecidos, com uma loja em Reriutaba e outra em Campo Lindo, esta de sociedade com seu irmão Adarias Alves. O ano de 1960 passou na cidade de Ipu, trabalhando num armazém de compras de gêneros de exportação, de sociedade com seu cunhado Vicente Gomes Filho. O lucro foi pouco, mas ganhou a prática que lhe valeu muito. Em 1961, abriu seu próprio armazém em Reriutaba, ficando nesse ramo até 1979, 18 anos, quando deixou totalmente o comércio. Em 1977 aposentou-se pelo INPS, por tempo de contribuição como comerciante, 35 anos, 1942 a 1977, nos diversos ramos.

SUA VIDA SOCIAL

José Alves na condição de sócio acionista do Reriutaba Clube foi tesoureiro de 1961 à 1977, 16 anos. E foi também presidente do clube de 1975 à 1976.

SUA VIDA RELIGIOSA

Católico praticante por tradição da família, sua catequista e de seus irmãos foi sua própria mãe, procurava viver os mandamentos da igreja católica a que pertencia. Quando residia em Campo Lindo, foi secretário da Conferência Vicentina de São Sebastião, de 1953 à 1958, 6 anos, fundada no paroquiato do padre Otalício Carneiro de Vasconcelos. Colaborou bastante para o crescimento da confraria que chegou a ter 75 confrades e vida bem ativa, ajudando a muitos idosos daquela região. Naquela época não existia aposentadoria. Com sua saída para Reriutaba em 1958, pouco tempo depois houve a extinção da mesma. O presidente era Manoel Lopes de Medeiros.

Em Reriutaba foi presidente da Conferência Vicentina de N.S.P.Socorro, de 1962 à 1979, 17 anos, até quando mudou-se para Fortaleza. Essa instituição chegou a ter mais de 100 confrades, também com vida muito ativa, ajudando muitos idosos. Quando José Alves voltou em 1986, para sua surpresa, a mesma havia sido extinta.

Foi Ministro Extraordinário da Eucaristia desde maio de 1987, quando fez o curso em Cariré, por indicação do padre Manoel Rômulo Rocha, na época vigário de Reriutaba.

SUA VIDA CIVIL

Casou-se em 05 de fevereiro de 1951 na capela de Campo Lindo com Teresinha de Jesus Lopes, filha caçula de Manoel Lopes de Medeiros, nascida na fazenda Riachão de Cima em 24 de abril de 1927. Foi celebrante o Monsenhor Expedito Silveira de Sousa, na época vigário de Reriutaba.

Tiveram seis filhos, hoje todos casados. Maria Ernestina Lopes Alves, Maria de Fátima Lopes Alves, Francisco Antonio Lopes Alves, Manoel Lopes Alves, Tereza Orlene Lopes Alves e Maria do Livramento Lopes Alves.

JACINTO ALVES DO RÊGO- o patriarca da família Alves chegou da região dos Innhamus do município de Tauá, ainda menor de idade em companhia de seus avós maternos, que se fixaram na Cabaceira de Cima, na década de 1840/50. Casou-se em 1862 com Tereza Borges de Macedo (mãe Tetê) filha de José Borges de Macedo e Maria Bernardina Borges, que residiam em Riachão de Cima, a quatro quilômetros de distância. Ficaram morando mesmo em Cabaceiras onde criaram a família e residiram por toda sua vida. Tiveram 16 filhos, 10 homens e quatro mulheres. Todos casaram e tiveram em média de10 filhos cada um. Eram muito católicos, deram aos filhos um ensinamento perfeito de evangelização, um exemplo autêntico de religião cristã que ainda hoje persiste, fazendo efeito em grande parte de seus descendentes. Raimundo Alves de Melo que era neto do patriarca e a pessoa mais preparada da família em leitura, fez o censo demográfico e a árvore genealógica da família até o ano de 1972, quando ainda estava na 5ª geração. Segundo as anotações dele, nesse tempo já tinha ultrapassado a soma de 100 pessoas. A previsão dele era que na virada do milênio já ultrapasse a soma de 2000 pessoas (pena que seus papéis desapareceram depois de sua morte em 1972). Segundo sua opinião, a família Alves é a mais numerosa da região norte do Ceará. Uma família pouco conhecida devido à pobreza de bens e de cultura. Ele narrava com muito orgulho uma curiosidade muito interessante e de muita honra para a família. É que até essa data não tinha dado ainda na família, apesar do número grande de pessoas, nenhum criminoso, nenhum homossexual, nenhum crente, porém também não deu nenhum padre, nenhum religioso ou religiosa. Isso até o ano de 1972, ano em que faleceu e ficaram encerradas as anotações. Hoje já tem muito crente na família inclusive duas de suas

irmãs. Ele colhia informações através de cartas, de informações de parentes, onde ele sabia que havia alguém da família ele procurava informações, Fortaleza, Rio de janeiro, diversas cidades do estado do Ceará, Piauí, Maranhão, até do Pará e do Amazonas. Ele conhecia todos esses lugares.

A família Alves, logo na primeira geração, mesclou-se com diversas famílias da região, o que é muito natural. A família Borges de Medeiros, que eram parentes da região (por parte da matriarca), foi com quem mais misturou-se, casando-se primos com primas e até primos carnais, formando assim um entrelaçamento muito grande de parentesco na família. Depois com as famílias Furtado, Melo, Lopes, Morais da cabaceira de baixo e Jaibaras. Com os Braga, Teles, Lima e Ferreira de Cariré e Macaraú. Com Ximenes, Mesquita, Mendonça da região de Santa Quitéria. Da terceira geração em diante é muito grande o número de famílias e raças mescladas, não se tem mais conta, é uma multidão.

A relação abaixo não obedece à ordem de nascimento, dentre as esposas só consta a primeira, meus avós, que estão em 1º e 2º lugar na relação.

Relação dos filhos do Patiarca:

01.José Alves de Sousa .....esp. Carolina Rodrigues Lopes
02.Raimundo Alves do Nascimento.....esp.Joaquina Borges de Medeiros
03. Damião Alves Evaristo Borges.....esp. Maria Pinta Frederico
04. Joaquim Alves de Melo.....esp. Maria Morais de Melo
05. Sebastião Alves de Melo.....esp. Eugênia Borges de Medeiros
06. Manoel Alves de Melo.....esp. Marcolina Teles Martins
07.Francisco Chagas Alves.....esp. Maria Braga Alves
08.João Alves Martins .....esp. Clara Alves Borges
09. Luis Alves de Sousa.....esp. Idalina Alves Frederico
10. Jacinto Alves Filho (Dolão).....esp. Donana Pessoa Furtado

11. Maria José Alves Morais.....esp. Manoel Gonçalves de Morais
12. Feliciana Alves de Souza.....esp. Joaquim Manoel de Sousa
13. Felizarda Alves de Medeiros.....esp. Manoel Augusto de Medeiros
14. Maria Alves de Lima.....esp. José Balbino de Lima
15. Antonia Alves Paulina.....esp.Raimundo Paulino Braga (Camundo)
16. Ana Alves de Morais(Bulu).....esp. Joaquim Veras de Morais

José Alves de Sousa e Carolina Rodrigues Lopes (meus avós paternos) casaram-se em 1890 e tiveram sete filhos, meu pai é o quinto filho, abaixo relacionados:

1º. Maria Hosana de Sousa(Moça Alves) .....nasc. em 1892 e fal. 05/10/1958

Casou-se com Francisco Pedro de Mendonça , fal. em 30/03/1946

2º. Cristino Alves de Sousa .....nasc. em 1894 e fal.em 21/05/1950

Casou-se com Raimunda Pinto de Abreu

3º. Jacinto Lopes de Sousa.....nasc. 1895, fal. em 08/09/1980

Casou-se 1ª c/ Tereza Alves de Sousa e 2ª c/ Maria Gomes da Conceição

4º. Hermíno Alves de Sousa.....nasc 1896, fal. em 04/10/1984

Casou-se 1ª e 2ª c/ Sofia e Luiza Alves de Sousa e 3ª c/ Galiana Braga de Jesus

5º. Antonio Alves de Sousa.....nasc. em 1898, fal. em15/10/1967

Casou-se com Tereza Alves de Medeiros

6º. Luiza Alves de Souza.....nasc. em 1900, fal. em 07/04/1985

Casou-se com Manoel Joaquim de Souza (Beihél) fal. 18/03/1976

7º. Tereza Alves de Souza..... nasc. em 1902

Casou-se com Pedro Joaquim de Souza

Raimundo Alves do Nascimento e Joaquina Borges de Medeiros (meus avós maternos), casaram em 1900, tiveram oito filhos, minha mãe é a quinta filha. Joaquina faleceu em 1912. Ele casou-se uma segunda vez com Petronilia Ferreira de Mesquita em 1914, tiveram quatro filhos, do 9º ao 12º, todos abaixo relacionados. Raimundo faleceu em 16/02/1964 e Petronilia em 21/04/1981.

Relação dos Filhos

1º. José Alves de Medeiros.....nasc. em 13/08/1901

Casou-se com Leonizia Alves Morais

2º. Inácia Alves de Medeiros(Cunha).....nasc. 15/03/1903, fal. 11/12/1942

Casou-se com Palo Furtado de Melo

3º. Felipe Alves de Medeiros.....nasc.14/04/1904, fal. 01/06/1987

Casou-se com Mariana Alves Furtado

4º. Jacinto Alves de Medeiros.....nasc. 21/04/1906, fal. 31/07/1957

Casou-se com Fca. Morais Alves (Chiquinha)

5º. Tereza Alves de Medeiros.....nasc. 27.08.1907, fal. 18/12/2002

Casou-se com Antonio Alves de Sousa

6º. Domingos Alves de Medeiros.....nasc. 21/03/1909

Casou-se com Tereza Clara de Medeiros

7º. Belarmino Alves de Medeiros (Belo).....nasc. 13/08/1910, fal. 14/09/1999

Casou-se 1ª com Rosa Borges Medeiros e 2ª com Felizarda Alves Medeiros

8º. Maria Dilurdes Alves .....nasc.13/05/1912, fal. 17/02/1999
Casou-se com José Borges de Medeiros (Zé Alferes)
9º. João Alves de Mesquita.....nasc. 08/07/1915
Casou-se com Francisca Alves Mesquita (Fânca)
10º. Maria Alves de Mesquita (Bibia).....nasc.25/01/1917, fal. 03/03/1994
Casou-se com Sebastião Gonçalves Morais, fal. 04/04/1987
11º. Antonio Alves de Mesquita.....nasc. em 11/07/1918
Casou-se 1ª com Antonia Carmo Souza e 2ª com Carolina Alves de Medeiros
12º. Ciriaco Alves de Mesquita.....nasc em 21/10/1919, fal. 20/01/1992
Casou-se com Gonçala Silva Mesquita, fal. 07/06/1996

Antonio Alves de Souza e Tereza Alves de Medeiros (meus pais), eram primos legítimos, netos do patriarca, casaram em 19/09/1923, tiveram onze filhos, sendo eu o filho mais velho.

Filhos:

1º. José Alves Neto.....nasc. em 07/07/1924
Casou-se com Terezinha de Jesus Lopes nasc. 24/04/1927
2º. Messias Alves de Medeiros.....nasc. em 17/10/1925
Casou-se 1ª c/ Adalgiza Alves Mesquita e 2ª c/ Eurides Araújo Alves
3º. Joaquina Alves de Medeiros .....nasc. 18/12/1926, fal. 20/02/1966
Casou-se com Inäcio Pinto de Mesquita
4º. Francisco Adarias Alves.....nasc. 18/06/1932
Casou-se com Terezinha Alves de Souza
5º. Maria Abgahil Alves.....nasc. 22/09/1934, fal. 26/09/1956
Casou-se Manoel Lucas Morais
6º. Maria Alves de Medeiros.....nasc. 02/02/1937
Casou-se Manoel Lucas Morais

7º. Amadeu Alves de Medeiros.....nasc. 03/06/1938
Casou-se com Terezinha Alves de Lima
8º. Maria de Lurdes de Medeiros.....nasc. 21/02/1941
Casou-se Joaquim Torres de Souza
9º. Edberto Alves de Medeiros.....nasc. 24/07/1943
Casou-se com Maria Augusta de Medeiros
10º. Pedro Alves de Medeiros..... nasc. 04/12/1944
Casou-se com Antonia Otonete Nogueira Medeiros
11º. Carolina Alves de Medeiros.....nasc. 27/05/1947
Casou-se com Antonio Alves de Mesquita

José Alves Neto e Teresinha de Jesus Lopes, casaram em 05 de fevereiro de 1951, tiveram 06 filhos, 11 netos, 1 bisneta, abaixo relacionados.

1º. Maria Ernestina Lopes Alves.....nasc. em 16/05/1952
Casada com Emerson Fernandes dos Santos
Filhos: Vanessa Cristina Alves dos Santos (bisneta Andressa) Emerson Fernandes dos Santos Junior e Gabriel José Alves dos Santos
2º. Maria de Fátima Lopes Alves.....nasc. em 05/10/1953
Casada com Gonçalo Flamarion Lopes e Silva
Filhas: Rita Jane Alves e Silva e Débora Cristina Alves e Silva
3º. Francisco Antonio Lopes Alves.....nasc. em 19/07/1955
Casado com Alda Maria Castro Alves
4º. Manoel Lopes Alves.....nasc. em 30/04/1959
Casado com Antônia Célia Taumaturgo Lemos
Filhos: Rodrigo Lemos Alves e Rafaela Alves Lemos
5ª. Tereza Orlene Lopes Alves.....nasc. em 26/04/1960
Casada com Antonio Cícero Soares Braga
Filhos: Aline Alves Braga, Jader Alves Braga e Amanda Alves Braga

6º. Maria do Livramento Lopes Alves.....nasc. em 26/11/1962
Casada com João Regis Pontes Rego
Filha: Karine Alves Rêgo

ORIGEM DA FAMÍLIA LOPES

Raimundo Ribeiro Lopes e Rosenda Rodrigues de Medeiros, (avós paternos de Terezinha), casaram-se em 1882, tiveram 10 filhos, três homens e sete mulheres, hoje todos falecidos.

Filhos:

1º. Manoel Lopes de Medeiros, res. na fazenda Riachão de Cima
Casou-se com Maria Ernestina Lopes e depois com Clara Lopes de Medeiros
2º. Maria Ribeiro Lopes, res. em Riachão de Cima
Casou-se com João Lima de Abreu
3º. Domingos Ribeiro Lopes, res. em Alegre, mun. de Santa Quitéria
Casou-se com Antonia Cimbra de Mendonça (Toinha)
4º. Maria Madalena Lopes, res. no sitio Campestre na Serra Grande
Casou-se 1ª com Guilhermino Taviano e 2ª com Fco. Horácio
5º. José Ribeiro Lopes, res. em Riachão de Cima
Casou-se com Maria Borges de Medeiros (Maria Alferes)
6º. Eugênia Ribeiro Lopes, res. no sitio Lagoa na Serra
Casou-se com Antonio Augusto Mendonça
7º. Rosa Ribeiro Lopes, res. na Serra
Casou-se com Hermeto Soares Silva
8º. Nédina Ribeiro Lopes- solteira
9º. Maria Aihá Ribeiro Lopes - solteira
10º. Maria Amélia Ribeiro Lopes – solteira

Manoel Lopes de Medeiros e Maria Ernestina Lopes – (pais de Terezinha), casaram-se em 1909, tiveram 10 filhos. Em 1932 ele casou-se uma segunda vez com Clara Lopes de Medeiros e não tiveram filhos. Em 1955 ele casou-se a terceira vez com Emiliana Ximenes Lopes, tiveram dois filhos, o 11º e o 12º da relação abaixo.

Filhos:

1º. Francisco das Chagas Lopes (Chichico).....fal. em 29/09/1999
Casou-se com Maria Araújo Lopes

2º. Maria das Dores Lopes (Moça Lopes), reside em Fortaleza.
Casou-se com Rdo.Soares Rocha (Doquinha), piauiense de Uruçui, fal. em 20/08/1980.

3º. Raimundo Ribeiro Lopes , residiu em Ipu, depois Fortaleza, fal. em 30/10/1991
Casou-se com Terezinha Uchoa Lopes

4º. Maria dos Prazeres Lopes, reside em Fortaleza
Casou-se com Vicente Gomes Filho.....fal. em 02/10/1994

5º. Sebastião Irapuã Lopes, residiu em Camocim ....fal. em 06/05/1995
Casou-se 1ª com Maria Lili Catunda e 2ª com Maria Prazeres Brito, fal. em 14/05/1997

6º. Joaquim Sólon Lopes, residiu em Croatá
Casou-se com Alice Holanda Lopes

7º. Gonçalo Jéferson Lopes, residiu em Pacujá
Casou-se com Francisca Altacir Lopes

8º. Aníbal Pascoal Lopes, reside em Reriutaba
Casou-se com Antonia Paiva Lopes (Antonieta)

9º. Rita de Cássia Lopes (Ritinha), reside em Fortaleza
Casou-se com Raimundo Nonato Silva(Mundinho).....fal. 30/11/1963

10º. Teresinha de Jesus Lopes, reside em Reriutaba
Casou-se com José Alves Neto (comerciante aposentado)
11º. Maria de Fátima Ximenes Lopes, reside em Camocim
Casada com Paulo Augusto Ferreira
12º. Manuel Juscelino Lopes, reside em Camocim
Casado com Luiza Socorro Fernandes (Perpétua)

ORIGEM DA FAMÍLIA QUIRINO

Manoel Quirino da Silva e Hermina Lucas de Brito, (avós maternos de Terezinha), casaram em 1893, tiveram sete filhos, quatro homens e três mulheres, hoje todos falecidos.

Filhos:

1º. Maria Ernestina Lopes
Casou-se com Manoel Lopes de Medeiros (res. Faz. Riachão de Cima)
2º. Francisca Onélia da Silva (Chiquinha) res. Riachão de Cima
Casou-se com Manoel Ferreira de Azevedo (Nel Ferreira)
3º. Ana Lucas da Silva (Ana Quirino) res. em Parnaíba-Pi
Casou-se com Raimundo Dias de Miranda (Bidoca) Piauiense
4º . João Quirino da Silva (pai de Sefisa)
Casou-se com Maria Trajano de Mesquita (irmã de D. Cilina)
5º. Henrique Quirino e Silva (Funcionário do DNOCS, fal. em 1947, em Forquilha
Casou-se com Mariete Carvalho Ramos, fal. em 08/2000
6º. Pedro Quirino e Silva, res. em Piauí
Casou-se com Maria das Graças Quirino (Gracinha) Piauiense

7º. Antonio Quirino e Silva (foi comerciante em Terezina, tendo fal. no Rio de Janeiro)

Casou-se com Ercília Alice de Brito (Cidinha Honório)

A FAMÍLIA BORGES DE MEDEIROS

Joaquim Borges de Medeiros – o patriarca da família Borges de Medeiros, era de origem portuguesa, conhecido também na região como Tenente Joaquim Borges, por ter recebido uma espada e uma patente de Tenente da Guarda Nacional do Império, que ele guardou com muita honra durante toda sua vida. Viveu a vida inteira na fazenda Riachão de Cima. Faleceu ainda no século XIX. Era casado com Eugênia Borges de Medeiros, mãe Ugênia, para a família, que faleceu em 1915. Tiveram somente dois filhos.

1º. Francisca Borges de Medeiros

Casada com Felipe Borges de Medeiros

2º. Rosênda Rodrigues de Medeiros

Casada com Raimundo Ribeiro Lopes

Felipe Borges de Medeiros e Francisca Borges de Medeiros – (pai Felipe e mãe Chiquinha), eram primos legítimos, casaram em 1885, tiveram seis filhos. Minha avó é a quarta na relação. Casou-se uma segunda vez com Romana Melo e tiveram três filhos.

Filhos:

1º casamento

1º. João Borges de Medeiros (solteiro)

2º. Manoel Borges de Medeiros (Belo Borges
Casou-se 1ª vez com dona Prazeres e 2ª vez com dona Cilina

3º. Eugênia Borges de Medeiros(Neta)
Casou-se com Raimundo Alferes de Medeiros

4º. Joaquina Borges de Medeiros
Casou-se com Raimundo Alves do Nascimento (meus avós)

5º. Maria Borges de Medeiros
Casou-se com José Balbino de Lima

6º. Antonia Borges de Medeiros
Casou-se com José Gregório de Sousa

2º casamento

7º. Sebastião Borges de Melo, res. em Varjota

8º. Luzia Borges de Melo, res. em Varjota

9º. Conceição Borges de Melo, res. em Varjota

FILHOS ILUSTRES DE CAMPO LINDO

MARIA ERNESTINA LOPES ALVES, nasceu em 16 de maio de 1952, filha de José Alves Neto e Tereza de Jesus Alves, formada em Administração de Empresa, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEM) em 1978. Casou-se com o Engenheiro Eletrônico Emerson Fernandes dos Santos (in memorian), filho da cidade de Balsas-Ma. Atualmente reside em Fortaleza.

MARIA DE FÁTIMA LOPES ALVES, nasceu em 05 de outubro de 1953, filha de José Alves Neto e Tereza de Jesus Alves, formada em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) em 1985. É

Coordenadora Pedagógica da Escola Anízio Teixeira em Fortaleza e professora da rede Municipal. Casada com Gonçalo Flamarion Lopes e Silva, formado em matemática na mesma Universidade.

FRANCISCO ANTONIO LOPES ALVES, nasceu em 19 de julho de 1955, filho de José Alves Neto e Tereza de Jesus Alves, formado em Economia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em 1982. Trabalha na Universidade Federal do Ceará (UFC), é diretor da divisão de Comunicação e Arquivo. É casado com Alda Maria Castro Alves, formada em Administração de Empresa. É funcionária da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará.

MARIA DE FÁTIMA XIMENES LOPES, nasceu em 23 de Abril de 1957, filha de Manoel Lopes de Medeiros e Emiliana Ximenes Lopes, diplomada em Estudos Adicionais, Curso Normal. Trabalha na chefia de um setor da COELCE na cidade de Camocim. Casada com Paulo Augusto Ferreira, comerciante bem sucedido em Camocim, onde residem.

MANUEL JUSCELINO LOPES, nasceu em 02 de julho de 1959, filho de Manoel Lopes de Medeiros e Emiliana Ximenes Lopes. É Técnico em Contabilidade pela Escola Técnica de Comércio Padre Champagnat, em Fortaleza-Ce. É casado com Luiza Socorro Fernandes (Pérpetua), filha de Pacujá. É dono de um escritório de contabilidade comercial, uma livraria e um magazine de modas em Camocim, onde residem.

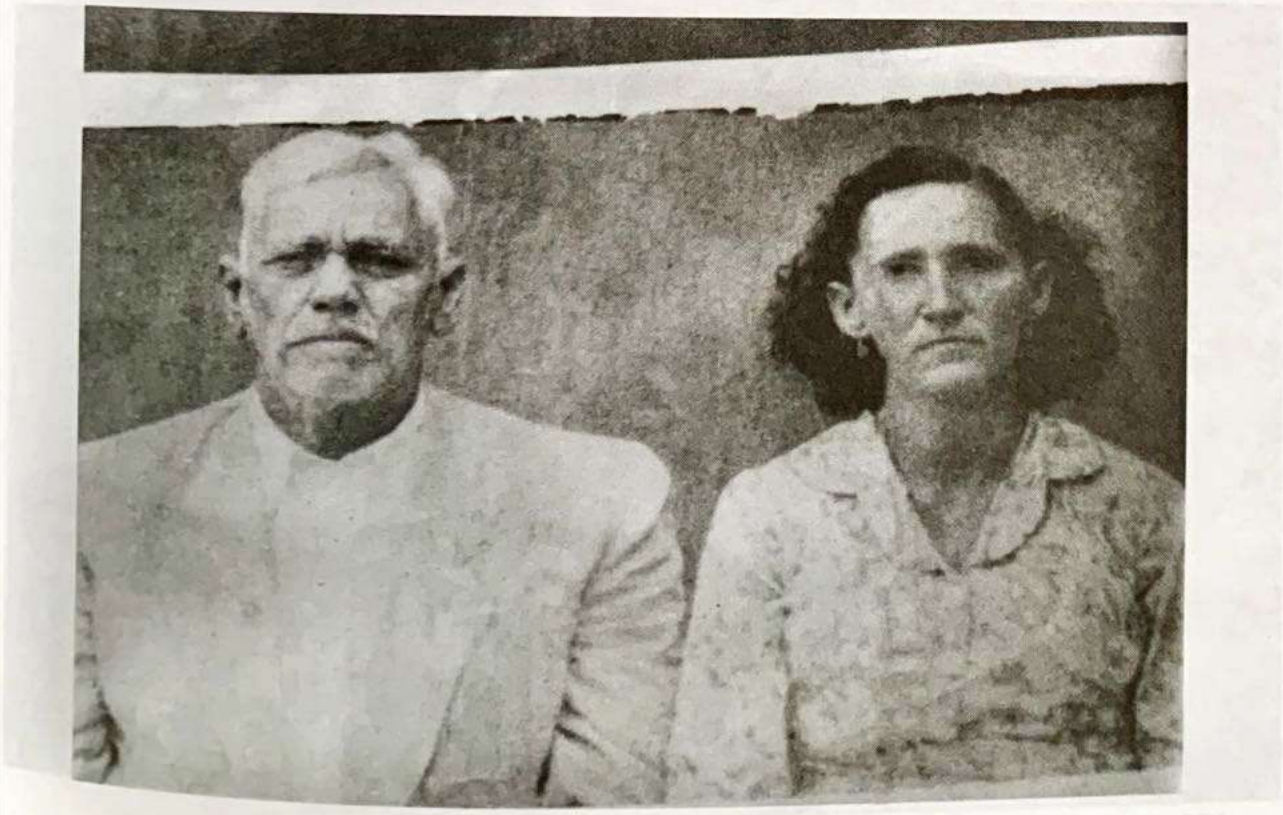
FOTOS CAMPO LINDO

1º prédio de Campo Lindo

Capela de Campo Lindo

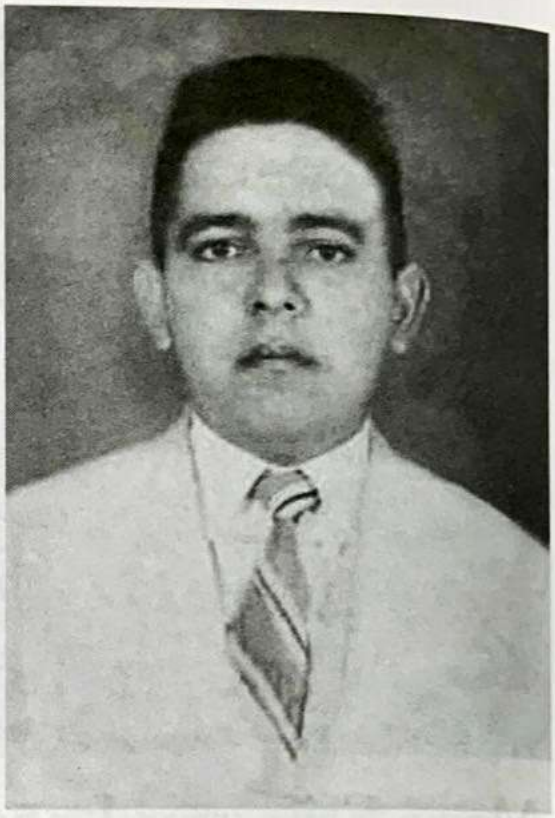
Maria Ernestina Lopes de Medeiros

Clara Lopes de Medeiros



Manoel Lopes e Emiliana Lopes

Terezinha Lopes

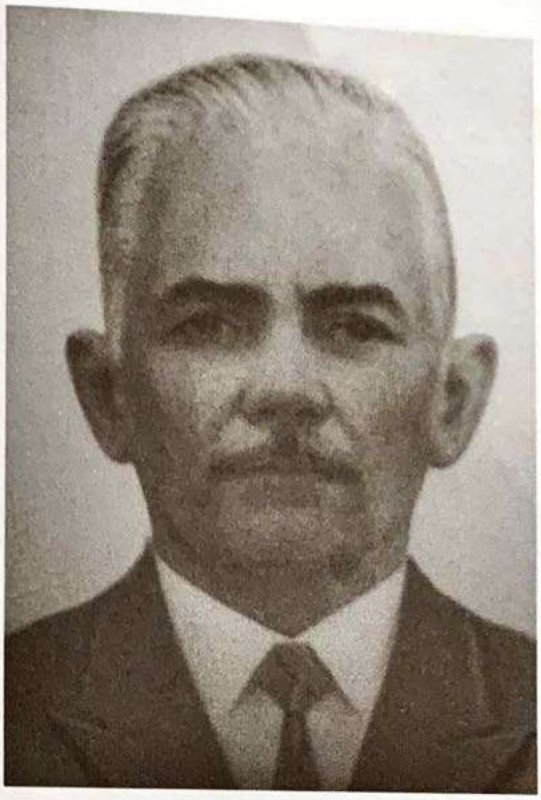


José Alves

Terezinha Lopes

José Alves

Moça Lopes



Manoel Lopes
de Medeiros

Moças de Campo Lindo

Tereza Alves e Antonio Alves de Sousa

Terezinha Alves(de preto) com amigas

Quina Alves, Adalgiza e Messias Alves

Sebastião (filho) e Manoel Lopes

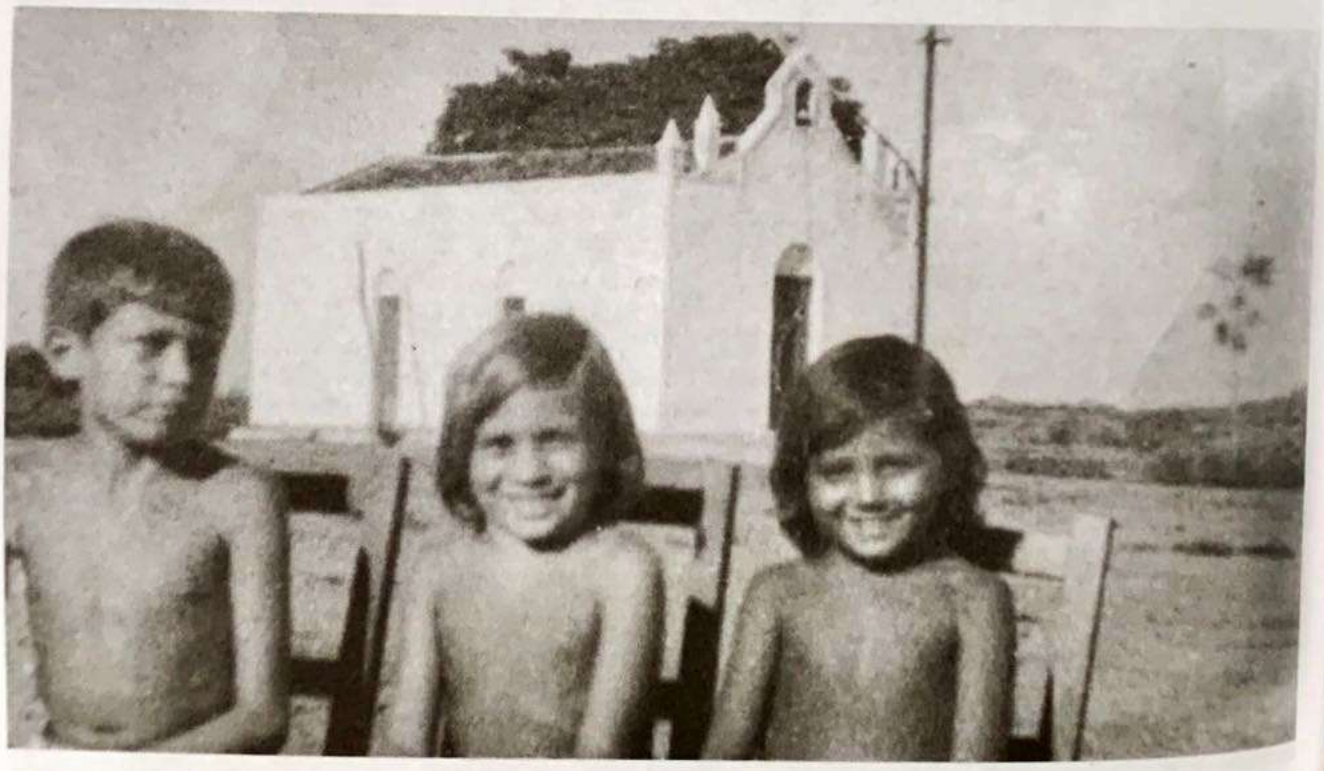
Jantar no Reriutaba Clube

Como Vereador em 1968, na inauguração do Mercado de Reriutaba

Diretoria do Reriutaba Clube em 1970

Fátima, José Alves, Francisco, Terezinha, Lopes(colo) e Ernestina

Festa no Reriutaba Clube



Filhos da Prazer Ximenes,
ao fundo a 1ª Capela de Campo Lindo

Alguns netos de Manoel Lopes

Aurora
filha de Moça Lopes

Creuza
filha de Raimundo Lopes

Ernestina
filha de Terezinha

Gonçalo Flamarion
(1965) filho de Ritinha

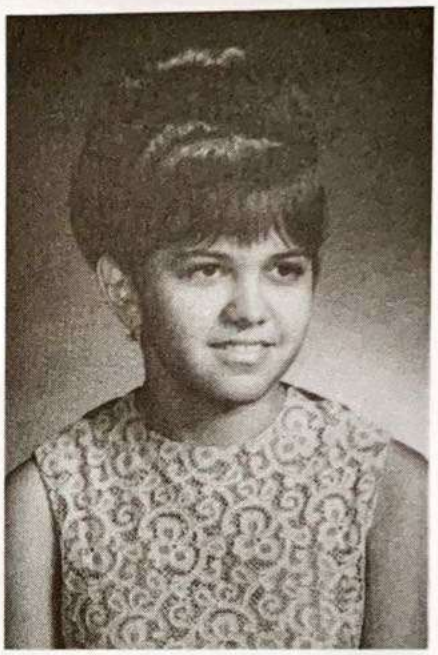
Margarida
(1966) filha da Prazeres

Rita Maria
(1967) filha de Gonçalo

Alguns netos de Manoel Lopes

Aurora
filha de Moça Lopes

Creuza
filha de Raimundo Lopes



Ernestina
filha de Terezinha

Gonçalo Flamarion
(1965) filho de Ritinha

Margarida
(1966) filha da Prazeres

Rita Maria
(1967) filha de Gonçalo

CAMPO LINDO
ATUALIDADE

Casa da Fazenda Riachão

Casa de Farinha

Casa Emiliana Lopes de Medeiros

Casa Tereza Alves

Escola Municipal
Antônio Alves de Sousa

Igreja

Praça de Campo Lindo

Rua principal
de Campo Lindo

Vista panorâmica
de Campo Lindo

OBRAS PÚBLICAS DE CAMPO LINDO

Primeira Capela - construída em 1948/49, paroquiato do padre Expedito Silveira de Sousa, encarregado: Manoel Lopes de Medeiros.
Segunda Capela - construída em 1976/82, paroquiato do Mons. José Ataíde de Vasconcelos, encarregado: Amadeu Alves .
Primeiro Grupo Escolar – construído em 1960/61, gestão de José Edmilson Aguiar, encarregado: José Alves Neto (caiu no grande inverno de 1974).
Segundo Grupo Escolar – construído em 1977/78, gestão de Luis Farias Castro, encarregado: Amadeu Alves (em pleno funcionamento).
Primeiro Posto Médico - construído em 1974/75, gestão de José Silveira Sá, encarregado: João Paulo Passos (funcionou muitos anos, hoje abriga uma creche municipal).
Segundo Posto Médico - construído em 1991/92, gestão de José Aguiar Filho, encarregado: Manoel Honório (em pleno funcionamento)
Posto telefônico – inaugurado em 22/09/1992, gestão de José Aguiar Filho, encarregado: Manoel Honório, (funcionou até o ano 2000, quando foi fechado).
Primeira Energia Elétrica - com motor a óleo diesel, inaugurada em julho de 1955, 1ª gestão de Vicente Pinto de Mesquita, encarregado: José Alves Neto (funcionou até 1990).
Segunda Energia Elétrica - COELCE – inaugurada em 04/05/1990, com a presença do governador Tasso Ribeiro Jereissati e do Dep. Ciro Gomes.
Primeiro Chafariz Público - montado na estrutura de ferro, motor bomba à gasolina, poço profundo, construído em 1966, gestão de Edson Bezerra Gomes, encarregado: Amadeu Alves (não existe mais).
Segundo Chafariz Público - construído em 1984, gestão do

interventor Ivo Façanha Sá, (ainda funcionando).

Terceiro e quarto Chafariz Público - construído em 1994/95, com caixa dágua com cap. de 7000 litros, adutora de 140 m, de pvc, eletro bomba, 7 postes e instalações, gestão de Jesuíno Ximenes, encarregado: Amadeu Alves.

Cacimbão Público - construído em 1957, no meio da praça, 1ª gestão de Vicente Pinto de Mesquita, encarregado: José Alves Neto (ainda funcionando).

Casa Paroquial - construída e mobiliada em 1963/65, paróquia do padre Francisco das Chagas Martins, encarregado: Amadeu e Carolina Alves. Hoje já com algumas reformas.

Cemitério - Inaugurado em 23/10/1981, paroquiato do Mons. José Ataíde de Vasconcelos, encarregado: Antonio José de Medeiros (tendo o mesmo falecido seis meses depois, em 17/04/1982).

Passeio Público - inaugurado em 22/09/1992, com bancos de madeira e cimento, coluna para televisão, gestão de José Aguiar Filho.

Área de lazer - construída em 1994, em frente à quadra esportiva, com bancos de madeira, com iluminação adequada, gestão de Jesuíno Ximenes, encarregado: Amadeu Alves.

Quadra Esportiva - construída em 1994, com calçada de proteção, iluminação de holofotes e alambrados para 200 pessoas, gestão de Jesuíno Ximenes, encarregado: Amadeu Alves (hoje quase completamente destruída).

Calçamentos:

1ª área de 1.100m – gestão Luis Farias Castro, encarregado: Amadeu Alves.

2ª área de 4.200m – gestão José Aguiar Filho, encarregado: Manoel Honório.

3ª área de 8.800m – gestão Jesuíno F. Ximenes, encarregado: Amadeu Alves.

Antena Parabólica - colocada em 1998 , gestão do prefeito Carlos

Roberto Aguiar.

COMERCIANTES E ENCARREGADOS DE ENCARGOS

LOJAS DE TECIDOS

José Alves Neto .....1946 até 1958
Francisco Adarias Alves..... 1959 até 1970
Manoel Lucas Morais..... 1955 até 1962
Edgar Furtado Morais..... 1962 até 1963

MERCEARIAS E BODEGAS

José Alves Neto .....1942 até 1952
Augusto Alves Furtado..... 1949 até hoje
Messias Alves Medeiros..... 1957 até 1964
Amadeus Alves Medeiros..... 1962 até hoje
João Paulo Passos ..... 1962 até 1975
Dedé Passos ..... 1975 até 1978
Didi Passos..... 1975 até 1982
Francisco Adarias Alves..... 1970 até 1979
Manoel Honório..... 1977 até hoje
Manoel Paulo..... 1952 até hoje
Vicente Ferro..... .....1984 até hoje
Antonio José..... 1965 até 1981
Raimundo José..... 1966 até 1970
Randal Alves Furtado..... .1982 até 1997
Domingos Alves.....1962 até 1971
Raimundo Ribeiro..... .1954 até 1957
Luis Frederico..... 1953 até 1958
Antonio Camilo..... 1952 até 1953
Custodio Borges..... 1970 até 1972
Chico Izequiel..... ..1992 até 1994

José Mulata..... 1990 até 1997
José Domingos..... ..1990 até hoje
Pedoca Alves..... ..1991 até hoje
Mercê Alves Furtado..... ...1994 até hoje
Pepe..... 1991 até 1998
Rildo Teixeira Alves..... ..1995 até 1998

AÇOUGUES

José Alves Neto .....1943 até 1952
Messias Alves Medeiros..... 1952 até 1964
Francisco Adarias Alves..... 1970 até 1979
Osmar Cordeiro..... 1981 até 1984
Manoel Paulo..... 1952 até hoje
Mercê Alves Furtado..... 1985 até hoje
Toinho da Vera ..... 1997 até hoje

PADARIAS

Antonio Alves de Sousa..... 1952 até 1954
Nelson Alves Furtado..... 1964 até 1978

CALDO DE CANA

Antonio Alves de Sousa..... 1954 até 1955
Luis Frederico..... 1956 até 1958
Antonio A. Mesquita ..... 1961 até 1964

CAFÉ NA RUA

Madalena Ventura ..... 1949 até 1970
Antonio Luis (Landuá) ..... 1949 até 2001

FARMÁCIA

Rildo Teixeira Alves ..... 1994 até 1999

ENCARREGADOS DA ADMINISTRAÇÃO PUBLICA

Manoel Lopes de Medeiros .....1948 até 1954
José Alves Neto .....1954 até 1958
Messias Alves Medeiros ..... 1959 até 1964
Amadeus Alves Medeiros ..... 1964 até 1970
João Paulo Passos 1971até 1977
Amadeus Alves Medeiros..... 1977 até 1982 /1984 até 1986/ 1993 até 1996
Maria prazeres Medeiros ..... 1983 até 1984
Manoel Honório..... 1986 até 1982/ 1997 até hoje

ENCARREGADOS DA CAPELA

Manoel Lopes de Medeiros .....1949 até 1962
Amadeu e Carolina Alves ..... 1962 até 1966
João Paulo Passos ..... 1967 até 1974
Comissão .....1974 (06 meses)
Antonio José de Medeiros ..... 1962 até 1966
Antonio Alves de Mesquita .....1975 (08 meses)
Amadeus Alves Medeiros .....1976 até 1994
João Pereira..... .....1994 até 1997
Veras Alves Furtado ..... 1998 até hoje

PROFESSORAS

Maria Lili Catunda .....1946 até 1954
Maria Araújo Castro .....1948 até 1950
Judite Odete Silva .....1949 até 1954

Maria Luiza Torres .....1955 até 1956
Antonia Prazeres Ximenes .....1962 até 1992
Carolina Alves Medeiros .....1962 até 1973
Maria José de Oliveira .....1976 até 1982
Antonieta Martins passos .....1964 até 1974
Maria Eronildes Lima .....1970 até 1981
Maria Aucilia de Abreu .....1976 até 1992 / 1997 até hoje
Maria Rita de Mesquita .....1988 até 1994
Maria Luci Medeiros .....1992 até 1994
Aurineide Alves Araújo .....1992 até 1996

PARTEIRAS

Maria Domingos de Sousa .....1949 até 1979
Cândida Clementina Alves .....1966 até 1986
Núbia Cordeiro .....1985 até hoje

AGENTES DE SAÚDE

Núbia Cordeiro .....1991 até hoje
Carolina Alves de Medeiros .....1994 até hoje

TIMES DE FUTEBOL

Internacional na década de 1980
Palmeiras ..... atual

PREFEITOS MUNICIPAIS E INTERVENTORES DE RERIUTABA, DESDE 25 DE SETEMBRO DE 1923 (FUNDAÇAO DA CIDADE) ATÉ OS DIAS ATUAIS

1923 à 1927 – Cel. José Teodoro Soares (Fundador da cidade)
1928 à 1929 – Tiago Martins Memória
1929 à 1930 – João Taumaturgo Filho
1930 out/dez – Raimundo Rodrigues Martins
1932 à 1933 – Raimundo Capistrano de Castro (interventor)
1934 à 1936 – Raimundo Capistrano de Castro (eleito)
1937 - Alfredo Silvano Gomes (interventor)
1937 à 1945 - Agripio Teodoro Soares (interventor)
1946 - Tenente Braga (interventor)
1946 – Raimundo Ribeiro Lopes (interventor – 3 meses)
1946 – Francisco Sales Mourão (interventor)
1947 à 1950 – Luis Taumaturgo Furtado
1951 à 1954 – Raimundo Capistrano de Castro
1955 à 1958 – Vicente Pinto de Mesquita
1959 à 1962 – José Edmilson Aguiar
1963 à 1964 - Vicente Pinto de Mesquita
1965 à 1966 – Edson Bezerra Gomes
1967 à 1970 - João Ivan Vale Rego
1971 à 1972 – Luiz de Farias Castro
1973 à 1976 – José Silveira e Sá
1977 à 1982 - Luiz de Farias Castro
30/01 à 06/09 de 1983 - João Ivan Vale Rego
06/09 à 02/10 de 1983 – João Macedo Ximenes
02/1083 à 28/01/1985 – Ivo Façanha Sá (interventor)
06/02/85 à 10/11/1986 - João Macedo Ximenes

10/11/86 à 31/12/1988 - João Ivan Vale Rego
01/01/89 à 31/12/92 – José Aguiar Filho
01/01/93 à 31/12/1996 – Jesuíno Farias Ximenes
01/01/97 à 31/12/2000 – Carlos Roberto Aguiar
01/01/2000 - Carlos Roberto Aguiar – (reeleito)

PRESIDENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE RERIUTABA, DESDE 25 DE SETEMBRO DE 1923 (FUNDAÇAO DA CIDADE) ATÉ OS DIAS ATUAIS

David Júlio Filizola
Padre Macário Bezerra de Arruda
Raimundo Rodrigues Martins
Raimundo Capistrano de Castro
Joaquim Cesário de Farias
Mamede Nelson de Aquino.....1947
Osvaldo Honório Lemos.....1948
Edson Bezerra Gomes .....1949 / 1975à 1976/ 1979 à 1980
José Edmilson Aguiar.....1950
José Ximenes do Prado.....1951 à 1952
Antenor Soares Paulino.....1953 à 1954
Leopoldo Alves e Silva.....1955 à 1956
Francisco Furtado Freitas..... 1957 à 1958
Francisco Adjemir Castro..... 1959 à 1960
Francisco Cassimiro Paiva.....1961 à 1962
Francisco Assis Lopes..... 1963 à 1964
Francisco Sandoval Pontes.....1965 à 1966
José Nelson e Silva..... 1967 à 1968
José Alves Neto..... 1969 à 1970

Raimundo Osmundo Vasconcelos..... 1971 à 1972
Francisco Pio de Farias..... 1973 à 1974
Gentil Pires Ferreira ..... 1977 à 1978 /1983 à 1984
Francisco Araújo Veras..... 1981 à 1982
David Furtado Morais..... 1985 à 1986
José Trajano Rodrigues..... 1987 à 1988
Ari Machado Portela..... 1989 à 1990
João Carlos T. Lemos..... 1991 à 1992
Raimundo Delfino de Alencar..... 1993 à 1994
Raimundo Rodrigues Neto..... 1995 à 1996
Ana Marta L. Aguiar..... 1997 à 1998
Francisco Tarciano B. Castro..... 1999
José Cassimiro Mororó..... 2000
Francisco Valmir Soares.....2001 à 2002
Francisca Silvania Feitoza Nogueira.....2003 à 2004

PÁROCOS DA PARÓQUIA DE RERIUTABA

A Paróquia de Reriutaba foi criada em 23 de novembro de 1936, por decreto de Dom José Tupinambá da Frota, primeiro Bispo da Diocese de Sobral, com o título de Paróquia de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro de Reriutaba, sendo sua matriz a igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro de Reriutaba, localizada na principal praça da cidade e seu território foi desmembrado das paróquias de Ipu, campo Grande, São Benedito e Curato da Sé de Sobral.

A época da criação da paróquia, tinha somente a matriz em Reriutaba e as capelas de Sinimbú (hoje Amanaira) recebida do Curato da Sé, e a do Graça, recebida de São Benedito. Com a criação da Diocese de Tianguá, o Graça foi devolvido a São Benedito. Hoje a paróquia tem a matriz e 19 capelas.

A paróquia de Reriutaba tem uma área territorial de

aproximadamente 1.015Km e abrange integralmente os territórios dos municípios de Reriutaba e Varjota e ainda parte dos municípios de Pires Ferreira, Pacujá e Cariré.

Conta com uma média de 44.000 habitantes, sendo que 62% destes vivem nas zonas urbanas de Reriutaba, Varjota, Amanaira, Campo Lindo e Croata dos Martins.

RELAÇÃO DOS PÁROCOS:

1º - Pe. Francisco Olinto de Araújo Leitão -.30/121/36 à 04/03/39- reside no Rio de Janeiro.

2º - Pe. José Aristides Cardoso - 05/03/39 à 13/06/43 - reside em Guaraciaba do Norte.

3º - Pe. Luis Mendes Frota – 14/06/43 à 21/11/1944 – já falecido.

4º - Pe. Expedito Silveira de Sousa – 22/11/44 à 12/01/53 – reside em Camocim

5º - Pe. Otalício Carneiro de Vasconcelos – 13/01/53 à 01/02/61 – faleceu em 2001.

6º - Pe. Francisco das Chagas Martins – 02/02/61 à 17/04/65 - Atualmente Pároco de Viçosa.

7º - Pe. José Ataíde de Vasconcelos18/04/65/ à 15/04/86, quando faleceu.

8º - Pe. Raimundo Cassiano Feijão - 21/04/86 à 07/01/87, como Adm. Paroquial.

9º - Pe. Manoel Rômulo Rocha – 25/01/87 à 06/01/89. Atualmente é pároco de Meruoca.

10º - Pe. Emídio Moura Gomes – 05/03/1989`até a atualidade.

Obs.: Informações tiradas do Relatório da Paróquia, para a pastoral da Diocese de Sobral, em 17 de maio de 2000.

II PARTE
REMINISCÊNCIAS

O PRIMEIRO DIA DE COMÉRCIO

Havia chegado já de noite de Reriutaba com o primeiro comboio de compras de mercadorias feita para o comércio. Na mesma noite arrumei as mercadorias nas preteleiras, uma com bebidas quentes, Quinado Imperial, Conhaque São João da Barra, Ginebra Gália, Aguardente e outros, uma de rapadura, outra de cigarros e fósforos, barras de sabão, caixas de medicamentos, tudo arrumadinho na frente para ficarem bem vistos. E os surrões feitos malas abertas para botar farinha branca, farinha dágua, goma, arroz, feijão, milho, café em caroço, sal grosso, tudo era vendido no litro, somente o açúcar era vendido no quilo, vinha em sacos de 60 quilos, agente pesava e embrulhava para o freguês.

A casa ficava na junção de duas estradas, a que vinha de Guaraciaba do norte e pé de serra e a que vinha de Reriutaba e Cabaceiras rumo ao Alto dos Honórios e Pacujá, ainda hoje é o final do povoado, foi roçado o pátio de frente e de lado da casa, a casa caiada e as estradas raspadas e bem limpas para chamar a atenção.

Acordei cedinho, cinco horas da manhã abri as portas do quarto para esperar os fregueses. João Honório de Brito, que morava no Alto dos Honórios ia passando, viu a mudança no local e parou por curiosidade, entrou, sentou e ficou admirado, conversou, achou tudo bem arrumadinho achando que eu tinha bom gosto e jeito para o comércio. Porém me fez uma pergunta pessimista, se eu tinha esperança que um comércio pequeno assim e no mato daria para uma pessoa sobreviver, se não seria melhor ir para o Rio de Janeiro, onde alguns que foram já estavam se dando bem. Eu respondi que aquilo era um sonho desde o tempo de criança, e eu iria seguir em frente. Concordamos num ponto que o comércio era uma verdadeira prisão, mas que me satisfazia. Ele pediu um trago de quinado e uma aspirina, pagou e se despediu dizendo: - Zé, Deus te ajude, até a próxima. Eu

respondi, obrigado. Foi minha primeira venda e tornou-se um grande freguês.

Fiquei desanimado com as palavras dele, mas o destino me guiava, parecia que estava predestinado e segui em frente com meu comércio cada dia mais animado, no meu íntimo eu via o sol nascer para mim, era muito jovem ainda, tinha uma verdadeira confiança no futuro do meu pequeno comércio, que haveria de dar certo, não pensava em ficar rico, apenas em ter uma vida digna, e não voltar nunca para a lavoura. Já conhecia o exemplo do Maneco da Santana e do Anízio da Passagem Larga, que haviam começado poucos anos antes de mim, com pouco dinheiro e que já estavam bem, vivendo a vida que eu desejava ter, o segredo era somente perseverança e levar uma vida economicamente controlada, foi o que eu fiz e deu certo.

Assim foi o início da minha vida de comerciante, em junho de 1942, mais de meio século já se passaram, o que eu previ deu mais ou menos certo, não tive estrela brilhante para ganhar dinheiro fácil, o que ganhei foi sempre muito suado, ganhado devagarinho, mas nunca cheguei a falir e nem dar prejuízo a ninguém, no que dou graças a Deus.

AS PRIMEIRAS FESTAS DO PADROEIRO

As pimeiras festas de São Sebastião, padroeiro de Campo Lindo, 1949,1950, 1951, 1952, que foi a última feita pelo Padre Expedito, foram festas completas, alvorada, nove novenas, banda de música e cantoras, vinha tudo de Reriutaba, o proprietário de encarregado mandava cinco cavalos selados, um para o padre, um para o sacristão e três para as cantoras, Inquinha Caetano, Stela Memória e Noeme Rodrigues, e ainda um burro com jogo de malas para as bagagens. Os músicos vinham a pé, em média dez, trazendo cada um em sua bolsa o seu instrumento. Em Campo Lindo era feita

uma grande barraca para a hospedagem dos mesmos, do 3º ano em diante já era um galpão. A chegada do padre e sua comitiva era sempre aguardada por dezenas de pessoas e anunciada para a vizinhança com o pipocar de dezenas de foguetes.

O vigário e os encarregados, com a finalidade de dar mais animação à festa, e também proporcionar uma renda maior, mandava fazer duas barracas e formavam uma gincana com dois partidos, o vermelho e a azul, , com uma equipe de moças tomando conta de cada uma. Terezinha Lopes que era filha do encarregado coordenava a barraca vermelha e Edite Lima sua prima, a barraca azul. Cada uma tinha um grupo de auxiliares, moças da vizinhança, que ficava movimentando a quermesse, venda de bebidas, tira-gosto e comidas típicas, ao som da banda de música até 12 horas da noite ou mais, que era o que realmente fazia a grande animação da festa, foi um verdadeiro sucesso, nunca deu tanta gente em Campo lindo como nesse tempo, (a banda de música era o único som que animava as festas religiosas), acompanhava até os cantos litúrgicos. O major Belo Borges sustentava os músicos de bebidas e tira-gosto, assim eles tocavam até a hora que eles queriam. Ele fazia parte do partido vermelho, por isso o mesmo ganhou o primeiro lugar em renda, os quatro anos seguidos.

A partir da segunda festa, janeiro de 1950 tinha também o carrossel do comerciante José Alves Neto, que foi naquele tempo uma grande novidade para o lugar, funcionava com um sanfoneiro e um baterista tocando dentro, e também animava consideravelmente o ambiente, especialmente para os jovens. No último dia, ou seja, na última novena tinha o leilão da festa, que era também uma atração para o povo, à disputa nos lances de arrematação era motivo de grandes risadas e divertimento para o povo, o leiloeiro fazia gracejos e xingações quando vinha um lance alto cobrindo o lance de outro arrematador e o povo se deliciava, era um verdadeiro trovão de risadas,

não cobrir o lance do outro era motivo de fraqueza, sinal que aquele cidadão não tinha dinheiro para enfrentar aquele outro. O Major Belo Borges, tirava sempre o primeiro lugar como arrematador dos leilões, naquele tempo e em toda sua vida.

O povo que freqüentava era só da região porque para estes lados não existia estrada, era só trilhas e varedas, só para animais, nem existia carros também. Mesmo assim dava uma verdadeira multidão, vindo a cavalos e a pé, faziam no campo desmatado duas filas de barracas, em média cinqüenta que ficava encostando no mato alto, para a venda de bebidas, comidas, merendas e cafés, vinham das cidades vizinhas, fotógrafos, engraxates, vendedores de tudo, calçados, miudezas, brinquedos, palmas, roscas, pirulitos. Da serra grande vinha farinha, rapaduras, batidas, bolos manzape, tapiocas e frutas. Vinham também muitas bancas de jogos, roletas, bacarás, pretinhas e outras, era uma verdadeira feira. Para a celebração das novenas era improvisado um altar do lado de fora da capela, porque a mesma era muito pequena e assim as novenas ficavam mais bonitas e mais participadas pelo povo. A iluminação era feita com lâmpadas petromáticas e querosene, na capela, nas barracas e no leilão.

Pessoas que assistiram essas primeiras festas ainda hoje guardam recordações inesquecíveis, é o caso do advogado Francisco Odilon Rodrigues e sua esposa Cândida Leopoldino Rodrigues, reriutabenses residentes em Brasília, naquela época namorados, guardam grandes lembranças. E muitas outras pessoas desta região, daquela época, espalhados por esse Brasil afora, quando se encontram, sempre relembram esse tempo cheio de boas recordações. Era voz geral naquela época que as festas de São Sebastião, padroeiro de Campo Lindo superavam todas as festas de capela da região. A partir de 1953, já com Padre Otalício, as festas começaram a ser só de cinco novenas teve mais partidos, a banda de música ainda continuou até 1962, ano em que faleceu o fundador, já com Padre Martins.

Dessa época até a atualidade tem sido somente tríduos, a maioria sem banda de música, sem nenhum tipo de som, parque de diversões ou mesmo um simples carrossel para animar os festejos.

TIPOS POPULARES

Campo Lindo só teve um, José Pedro de Oliveira, conhecido como Zé Pedro, bastante conhecido na região, quase analfabeto, era cantador de viola metido a repentista e improvisador de versos, muito prepotente com seus conterrâneos, político e cabo eleitoral da UDN, muito fiel a seu chefe em Reriutaba, o Cel. Raimundo Rodrigues Martins, que a família tinha o apelido de mocó. Não era católico, nem gostava de padre, dizia-se se confessar com Deus, não gostava também do Campo Lindo e nem da Família Alves, que era quase toda adversária dele por causa de sua prepotência, e especialmente de mim que tomei dele em 1951, no governo de Raul Barbosa, a função de inspetor de quarteirão do lugar que ocupava com mão de ferro desde antes da ditadura Vargas, 23 anos.

No ano de 1961, o padre Otalício suspendeu a festa do Padroeiro por um dia, por causa de duas moças desconhecidas da região de Pacujá que haviam chegado do Rio de Janeiro do bairro de Ipanema, e estavam na igreja de minissaia e mangas curtas, naquele tempo a igreja proibia severamente, e tudo que acontecia de negativo ou ruim para o campo lindo ele achava bom e sempre comemorava fazendo seus famosos versos, aí está transcritos abaixo alguns dos versos feito por ele, sempre criticando os conterrâneos do lugar, bastante comentados em Campo Lindo, ele chamava as pessoas que vinham do Rio de Janeiro de "cassacos do Rio".

São Cristóvão era o açude velho restaurado pelo estado em 1954, conseguido pelo Vicente Pinto de Mesquita, político da época que era adversário dele.

Os versos

O Maneco na Santana
É a luz que alumeia
Lucas Rodrigues no alto
É ouro que não mareia
No campo Lindo não tem homem
Tem Leopoldo na areia

O padre não celebrou a missa
E nem rezou a novena
Por causa das mangas curtas
Dos cocos de sariema
Das minissaias de renda
Das cassacas de Ipanema

Os homens do Campo Lindo
são cegos de ambição
tiram cotas de reizados
vendem carne de barrão
como é que uns homens desses
podem ter prosperação

O Zeca Alves foi embora
dele só ficou o nome
nos domingos matam gado
que na semana agente come
mas não fosse o São Cristovão
ia morrer gente de fome

Na eleição de1954, de Raimundo Rodrigues e Vicente Pinto, Raimundo começou ganhando, chegou a botar 360 votos na frente e no final perdeu por 118, na época a apuração levava mais de uma semana para terminar, todo dia Zé Pedro ia pegar o resultado, quando voltava era muito satisfeito com o resultado, pois seu chefe ia ganhando, quem lhe perguntava pelo resultado, ele respondia no maior deboche, rimando com verso. Ao final da apuração ele respondeu com outro verso. Abaixo estão os versos de antes e depois da apuração:

O Zeca Alves estar de luto
O Leopoldo de sentimento
O Pinto com a boca aberta
E o mocó cagando dentro
O Coronel já ganhou
Do tal do Pinto goguento

O coronel é um homem
que tem nome registrado
nas cidades do sertão
E, na capital do estado
Ele perdeu a eleição
mas não ficou derrotado

José Pedro de Oliveira morreu de esmolas no ano de 1966, de uma doença muito extensa e de muito sofrimento, e nesse tempo quem mais lhe socorreu foi a família Alves.

O CINQUENTENÁRIO DE CAMPO LINDO

Cinquenta anos, de 20 de janeiro de 1949 a 20 de janeiro de 1999, foi comemorado com o tradicional tríduo de novenas em homenagem a São Sebastião, realizado de 17 à 20 de janeiro de 1999.

Foi uma das festas mais bonitas que já aconteceu nestes últimos anos. Contou com a presença do fundador de honra do lugar Mons. Expedito Silveira de Sousa, que fez a primeira festa de São Sebastião, na data de 10 a 20 de janeiro de 1949. Mons. Expedito celebrou a primeira novena, dia 17 e ajudou a celebrar as do dia 18 e 19 e a missa do dia 20, juntamente com o vigário atual de Reriutaba, Padre Emídio Moura Gomes, que no sermão destacou o trabalho feito pelo Monsenhor, anos 1949 a 1952, início de campo Lindo, especialmente na parte evangelizadora, pois segundo ele, é esta região da paróquia de Reriutaba que tem mais gente católica. Padre Emídio acha nisto uma marca do trabalho feito pelo Monsenhor, que ainda permanece fazendo efeito.

Foi realmente uma festa muito bonita, embora tenha sido quarta-feira, meio da semana, teve uma multidão de gente e carros. Muita gente da região que residia fora, Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil, veio pelo fato de esta ser a festa do cinqüentenário do lugar.

Depois da missa do dia 20 a comunidade prestou uma significativa homenagem ao Monsenhor Expedito, organizada pela professora Marlene Abreu e uma comissão. Foi encomendado um bolo enorme para a hora dos parabéns, sendo cantado por todos acompanhado pelo tecladista Carlinhos. Houve muita alegria e vibração, terminando com uma salva de palmas para o homenageado e um presente de uma rede bordada muito bonita.

Na ocasião falou alguns oradores. Fátima Lopes falou da amizade do Monsenhor com a família Lopes. Edberto Alves de Medeiros leu uma poesia de sua autoria, onde ressalta que mora no

Rio de janeiro mas seu coração vive em Campo Lindo. José Alves Neto falou representando a comunidade destacando a grande alegria do povo com a honrosa presença do Monsenhor no cinqüentenário de fundação do lugar.

Monsenhor Expedito agradeceu a todos com um discurso muito bonito e muito emocionante, agradecendo a Deus por ter lhe dado à felicidade de depois de cinqüenta anos estar novamente neste lugar, que ele tanto gostava quando era vigário da paróquia de Reriutaba e fazia aqui as festas de São Sebastião. Foi um momento de muita alegria e emoção. Depois foi distribuída a comunidade presente, pela comissão encarregada, bolo e refrigerantes a todos.

Monsenhor Expedito Silveira de Souza é filho da cidade de Viçosa, nasceu em 18 de junho de 1919, tem hoje 80 anos de idade, ainda celebra e prega normalmente, ordenou-se em 31-10-1943 na catedral de Sobral, por Dom José Tupinambá da frota, Bispo de Sobral. Sua primeira paróquia foi Reriutaba, onde ficou oito anos de 1944 a 1952. Fez seu Jubileu de ouro em 31-10-1993, na matriz de Camocim onde era vigário, foi a sua última paróquia, ficou na mesma 14 anos, deixou em 1977 quando aposentou-se. Continua morando em Camocim, como vigário Emérito da paróquia, por designação do Bispo da Diocese de Tianguá, a que pertence.

BODAS DE OURO

05/02/1951 à 05/02/2001 – Cinqüenta anos de união conjugal, as Bodas de Ouro do casal José Alves e Terezinha de Jesus Alves foram comemoradas em 10 de fevereiro de 2001, com missa solene em Ação de Graças na Igreja matriz de Santo Afonso(Igreja redonda), na Parquelândia, pelo Monsenhor Expedito Silveira de Sousa, o mesmo celebrante de 1951, que veio especialmente de

Camocim fazer esta celebração. A missa foi muito bonita, acompanhada pelo coral de 10 moças.

No sermão o Monsenhor Expedito falou da grande amizade que sempre teve ao casal, a família, recordou as festas religiosas de Campo Lindo, terminou abençoando o casal, desejando-lhes muitos anos de vida, saúde e felicidades até o final de suas vidas.

Terezinha Taumaturgo falou saudando o casal em nome dos amigos ressaltando a grande admiração que tem pelo casal desde que os conheceu mais de perto.

Rita Maria Lopes, uma sobrinha querida que residiu quatro anos com o casal quando estudante, teceu comentários bastantes elogiosos dos mesmos, segundo ela, não foram tios, foram pais, que ela teve a felicidade de ter na época em que mais precisava e que agradecia ser o que é hoje a eles. Desejou muita felicidade ao casal e muitos anos de vida.

Por último falou o aniversariante com o seguinte agradecimento à celebração tão bonita e emocionante: "Monsenhor Expedito, não temos palavras para lhe agradecer tanta bondade, por isso quero que aceite nosso silêncio como agradecimento. Queremos também dar boas vindas aos amigos e familiares aqui presentes que vieram nos prestigiar atendendo nosso convite, de todo coração, o nosso muito obrigado."

Finalizou lendo um resumo da vida do casal, comovendo a todos e sendo aplaudido de pé ao terminar.

Os convidados foram recepcionados no LE PARK BUFFET e a recepção terminou por volta das três da manhã.

Na igreja matriz de Reriutaba, no dia 04/2/2001, na missa dominical o padre Emídio Moura Gomes fez uma homenagem ao casal chamando ao altar e cantando parabéns, foi um momento emocionante, receberam abraços, parabéns e uma salva de palmas. Na ocasião também foi lido o resumo da vida dos dois, causando muita emoção.

DETALHES DE UMA VIDA, OU MELHOR DE DUAS VIDAS

É com alegria que relembramos esta história, um resumo daquilo que foi a nossa vida, minha e da Terezinha há 53 anos atrás, como começou nosso namoro, e como realizou-se nosso casamento.

Era o segundo semestre do ano de 1948, no mês de setembro quando surgiu a campanha para a construção da capela de São Sebastião na fazenda Riachão de Cima. Nesse período nos dias de domingo as tardinhas se juntavam os rapazes e moças do lugar (cerca de trinta jovens) para ir buscar tijolos na olaria para a capela, era aquela animação, todo mundo queria ir, eu não ia devido a ocupação no comércio. Um dia deu certo eu ir também, chegando lá (por um acaso do destino) me encontrei com a Terezinha que havia chegado de Pacujá de passagem para Reriutaba, ela que tinha na época sua moradia dividida entre Reriutaba e Pacujá, mas resolveu ficar uns dias em riachão e estava fazendo parte da caminhada também. Nos cumprimentamos e saímos juntos para a olaria, cerca de 500 metros de distância, no caminho começamos a conversa, ela mais do que eu, depois de um bom papo sobre diversos assuntos ela me perguntou sobre meu namoro com uma prima sua, achei curiosa a pergunta e lhe disse que havia terminado, ela admirou-se muito e disse: terminou?... não estou acreditando. – Está falando sério? ...eu lhe respondi que sim e havia terminado mesmo, ela ficou calada, certamente ficou na dúvida mas não disse mais nada.

Eu que sabia que ela tinha um namorado em Reriutaba de cerca de cinco anos de namoro perguntei também sobre o casamento deles quando ia se realizar, ela respondeu, - casamento? Não vai haver casamento nenhum, está acabado também. Faz um mês que sai de Reriutaba e nesse período não nos comunicamos mais, nem por carta. Eu não acreditei mas não disse nada deixei o assunto sem resposta. Naquele tempo as comunicações eram apenas por cartas e eu lhe

perguntei se das outras vezes que ela saía era assim também, ela respondeu que não, que era diferente, sempre se comunicavam. Chegamos na olaria, eu peguei dois tijolos menores daqueles mais finos e dei para ela, ela agradeceu dizendo de um modo muito gentil – oh! Muito obrigada. Voltamos ao local da capela com os tijolos, na volta mudamos de assunto não falamos mais em namoro.

Já era quase noite, todo mundo já estava saindo e nós também, ao sair se despediu de um modo muito simpático, com um aceno de mão e um alegre techal. Aquilo me deixou impressionado e com esperança, eu que simpatizava muito com ela, mas achava muito difícil o namoro dela acabar, e assim nessa incerteza eu não tinha coragem de falar namoro para ela. Aquilo me parecia estar sonhando acordado e procurava esquecer. Acontecia que a mesma dúvida que eu tinha do namoro dela ela tinha também do meu, faltava assim um esclarecimento, isso o tempo é que ia dizer.

Quinze dias depois houve um leilão na casa do pai dela, na fazenda velha, também em benefício da construção da capela, eu fui, cheguei tarde devidos os fregueses no comércio que não me deixavam sair. Chegando lá encontrei ela conversando com a prima dela, aí ficamos os três juntos conversando, foi um papo muito agradável. O leilão já estava quase no fim, naquele tempo se usava enfeitar laranja com flores naturais e botar nos leilões para os rapazes arrematarem e oferecerem as moças, aí subiu duas laranjas muito enfeitadas, eu arrematei e ofereci a cada uma delas. Ela agradeceu de uma forma muito carinhosa, - oh! Que surpresa, obrigada. Aquele jeito de agradecimento me agradou muito e me deixou muito otimista, a essa altura eu já notava no olhar dela algo diferente, um olhar ligeiramente sedutor.

Quando o leilão terminou ela me convidou para ouvir o rádio, como iam passar muitos dias na fazenda, cerca de três meses, trouxeram o motor de luz da casa do Pacujá e o rádio que na época era

uma novidade muito grande. Não podemos entrar na sala porque estava completamente cheia, gente empurrando uns aos outros, todo mundo queria ver de perto, já pensaram um rádio naquele deserto, naquele tempo, há 53 anos atrás? Nem em Reriutaba tinha nesse tempo. Aí resolvemos ficar mesmo no alpendre, ela colocou duas cadeiras e nos sentamos juntos, pela primeira vez nessa noite tivemos a sensação de pegar na mão do outro, estava assim começado nosso namoro.

De dez a vinte de janeiro do ano seguinte, em 1949, realizou-se a primeira festa do padroeiro de Campo Lindo, São Sebastião, com bandas de músicas e barracas, partidas de gincana, o azul e o vermelho, uma idéia do vigário e dos encarregados com a finalidade de arrecadar renda e animar mais a festa, foi um verdadeiro sucesso, nunca deu tanta gente em campo Lindo como deu nesse tempo.

A Terezinha coordenava a barraca vermelha com uma equipe de auxiliares, eu fazia parte também da mesma. E foi assim fazendo caminhadas, carregando tijolos para a construção da capela, e trabalhando juntos em prol das primeiras festas de São Sebastião que nosso namoro começou e teve continuidade, até chegar aonde chegamos, ou seja, até ao casamento.

A capela foi construída, as caminhadas se acabaram, mas o nosso amor continuou, e três anos depois, em 05 de fevereiro de 1951, as quatro horas da tarde, estávamos subindo ao altar de São Sebastião, na mesma capela de Campo Lindo que ajudamos a construir, para o nosso enlace matrimonial. Eu com 27 anos de idade e ela com 24.

O celebrante foi o Monsenhor Expedito Silveira de Sousa, nessa época vigário da paróquia de Reriutaba, que para nossa alegria se encontra novamente aqui celebrando a nossa missa em ação de graças pelas nossas Bodas de Ouro, pelo que completou assim a nossa felicidade nessa comemoração.

Nesse dia começou nossa caminhada a dois, cinqüenta anos se passaram, e como passou rápido, parece até um sonho, não foi sempre aquele mar de rosas nossa vida, tivemos algumas dificuldades, alguns altos e baixos, quem não tem? Mas com ajuda de Deus chegamos juntos aqui.

O saldo de toda essa trajetória de vida foi muito positivo, e muito gratificante para nós que são nossos seis filhos: Maria Ernestina, Maria de Fátima, Francisco Antonio, Manuel Lopes, Tereza Orlene e Maria do Livramento, que hoje somam-se aos nossos quatro genros e duas noras e nossos 11 netos, que são a felicidade da nossa vida.

Nesta noite estamos vivendo outra grande alegria, quando nos encontramos nesta igreja matriz de Santo Afonso juntamente com nossos filhos, amigos e familiares, para juntos comemorarmos esta data, nossos 50 anos de união conjugal, nossas Bodas de Ouro, coisa rara nos tempos atuais, hoje estamos renovando também nosso compromisso matrimonial, agradecendo a Deus toda bondade e misericórdia que tem tido para conosco, principalmente por ter nos dado o prolongamento da nossa vida, minha e da Terezinha até esta data tão esperada e tão importante para nós e para nossa família. Obrigado Senhor!

MENSAGENS DA FAMÍLIA

Ao meu irmão Zeca Alves, minha homenagem

Zeca era o primogênito de uma família numerosa, com pais humildes, trabalhadores de corações generosos, em sua casa sempre havia acolhida a quem chegasse. Assim cresceu Zeca, também generoso. Nunca se agradou do trabalho na roça, tinha sonhos maiores para ele e para seu lugar, o Campo Lindo, quando pode montou um comércio, auxiliou na construção da escola e da igreja de São Sebastião, ajudou muita gente necessitada, mas nem todo o tempo foi de bonança, houve períodos difíceis, mas com muita fé, coragem e dignidade, venceu seus obstáculos.

Como filho, sempre esteve ao lado de seus pais, mesmo quando já havia construído sua própria família, em momento algum desamparou nossa mãe, até sua morte. Para seus irmãos era a voz da sabedoria, eu mesmo, tinha por ele tanto respeito e admiração, que não fumava a seu lado, sempre procurei vê-lo como exemplo, cultivei sua amizade, apesar dos 19 anos de diferença entre nós. Em sua casa sempre tive pousada em todas as vezes que voltei a nossa terra.

Tive o prazer de recebê-lo em minha casa, este passeio do Zeca ao Rio de Janeiro até hoje traz divertidas lembranças e muitas saudades. Pena que hoje não possa dizer a ele pessoalmente o quanto ele foi e é importante em nossas vidas.

Ah! Quantas saudades deste meu irmão, amigo Compadre Zeca Alves.

Edilberto Alves e família

Um pai e um avô muito querido

Nem tudo é perfeito em nossa vida, mas acho que meu pai foi quase perfeito: bonito, honesto, honrado, trabalhador, culto por esforço, rigoroso e sensato em nossa educação, amoroso com filhos e netos, grande filho, irmão, tio, Ministro de Jesus Cristo e fiel a nossa mãe, qualidade tão rara em nosso mundo. Obrigado Senhor pelo tempo em que tivemos nosso pai e nos perdoe por acharmos que foi pouco.

Fui a privilegiada dos filhos, pois sempre morei perto e estava sempre nos finais de semana com eles. Meus filhos foram os netos que mais tiveram convivência com papai, e ele sempre foi muito carinhoso com todos eles, fazendo com que o adorassem.

O "vô Zeca" era muito querido e devido ao convívio eles também eram muito queridos por ele. Até hoje lembram que o vô sempre estocava o guaraná pequeno pra quando chegassem, era um carinho que não esqueceram, assim como a rapadura raspadinha que só ele sabia fazer, eles adoravam, e tiveram muitos outros carinhos que o fizeram ser um avô tão querido e saudoso.

Durante os dias que digitei seu livro, foi uma tarefa um pouco difícil, principalmente porque não fazia muito tempo que ele tinha partido para junto do Pai, algumas vezes chorei, em outras pensei nesse momento que lamentavelmente ele não estaria presente, vivo.

Desejamos, com esta homenagem, é que sua presença seja sempre forte em nossos corações e em nossas lembranças, principalmente dos nossos filhos, seus netos, e de todos que aqui se encontram, pois são pessoas que também o amavam e o admiravam. Papai você sempre será lembrado, pois o que se ama jamais será esquecido.

Sua filha Lena

Ao Tio Zeca, meu sogro querido

Inicio esta mensagem recorrendo a um dos versos de Gonçalves Dias, tirado do "Canto do Tamoio", onde diz:

"Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar".

O Tio Zeca foi este bravo guerreiro para quem a vida representou um permanente e incansável combate. Todos que tiveram o privilégio da sua presença afetiva, e de seus ensinamentos podem testemunhar sua história. Foram 79 anos de vida, dos quais 45 de um intenso labor, tendo iniciado suas atividades em Campo Lindo, sua amada terra natal, passando por Ipú e se fixando em Reriutaba até se aposentar.

Homem íntegro, de caráter burilado, excelente esposo, pai, avô, sogro e amigo, essas são algumas das marcas da personalidade do Tio Zeca. Era muito respeitado e amado por todos, sobretudo por sua postura de homem sério, justo e honesto.

Meu sogro amigo, Tio Zeca, considerado um educador nato, teve importante papel na formação dos seus filhos, por demonstrar através da sua personalidade, duas virtudes meritórias: a bondade e a humildade. Essas são marcas que não se acabam com o tempo. Pelo contrário, tendem a se aperfeiçoar.

O amor ao próximo é a revelação do amor de Deus. Neste sentido, Tio Zeca foi um sinal vivo desse amor entre todos que o conheceram. Desde cedo já demonstrava ter sua espiritualidade bastante aguçada. Uma prova disso é que em Campo Lindo, foi secretário da Conferência Vicentina de São Sebastião, e em Reriutaba deu continuidade ao seu apostolado enquanto leigo, exercendo as funções de Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão.

Encerrando essas palavras, acredito que o Tio Zeca ao se apresentar diante do Pai de Misericórdia, foi especialmente acompanhado, uma vez que no dia da sua grande viagem a imagem de Nossa Senhora de Fátima, de quem era muito devoto, esteve presente em sua residência. E, tanto eu quanto seus familiares e amigos, continuamos ligados a ele, no espírito. Guardamos na memória boas recordações, lições de vida e sabedoria no convívio com um homem verdadeiramente de Deus. Seu nome ficará para muito além da saudade.

Gonçalo Flamarion Lopes e Silva
Sobrinho e genro

Lembranças de uma vida

Foram 51 anos de um casamento sólido construído com muito amor, compreensão, fé em Deus, companheirismo, lealdade e respeito. É claro que tivemos muitas dificuldades e diferenças ao longo da nossa união, porém aprendemos a superá-las e administrá-las com paciência e renúncia.

Zeca era um homem honesto e de muita fé, sempre praticava a caridade, sentia prazer em ajudar o próximo. Eu o admirava bastante por esse exemplo de bondade, boa vontade, dignidade e integridade. E foi nesse ambiente que criamos nossos filhos, guiando-os pelos princípios cristãos.

Além de ter sido um pai presente e atencioso, foi um filho dedicado e amável. Também para seus irmãos, foi uma referência e um constante apoio. Sem esquecer o grande carinho que sentia por seus netos, sempre falando deles com orgulho.

Nossa casa era muito freqüentada por nossos irmãos e sobrinhos, os quais sentiam a sua presença acolhedora, carinhosa e serena.

Zeca, quantas saudades eu tenho de tantos momentos felizes de nossa vida em comum!

Terezinha Alves

Meu querido pai

Desde cedo, através dos seus ensinamentos e exemplos, papai ajudou a construir o projeto de vida de cada um dos seus filhos. Foi verdadeiramente um mestre da minha primeira escola: a família. Primou sempre pela educação com especial atenção aos ensinamentos da religião católica.

Eu e meus irmãos crescemos percebendo a importância de atributos tão valorizados por ele tais como: o amor, a confiança, a lealdade, a honestidade, a fé inabalável, o respeito ao próximo, a responsabilidade, os estudos acadêmicos, e outros valores importantes na formação do ser humano.

Meu pai, José Alves, não tinha escolaridade, mas mostrava-se um autodidata fazendo da leitura um hábito diário e transmitia este incentivo aos filhos. Não tinha vícios, dedicava-se extremamente a família, esforçava-se para oferecer aos seus filhos uma escola de qualidade, almejando a formatura dos mesmos. Este era o seu sonho que, com a graça de Deus, foi realizado. Dizia que esta era a herança que a eles podia deixar a fim de garantir-lhes o futuro. Hoje somos gratos a ele e a nossa mãe, Terezinha, por tudo que somos, vivendo com decência, honra e equilíbrio, trabalhando com compromisso, dignidade e cidadania.

Sentimos a sua ausência, mas certamente ele está feliz por ter cumprido sua missão deixando para os seus descendentes os valores que ele cultivou nesta vida. Para nós, Fátima, Gonçalo, Jane e Débora, e para todos aqueles que puderam usufruir do seu convívio, sua memória estará guardada para todo o sempre.

Da sua filha
Maria de Fátima Alves e Silva

Meu pai Zeca Alves

Falar de meu querido pai é muito fácil, gratificante e, ao mesmo tempo, doloroso. Primeiro por ele ter sido esse exemplo de vida, por nos ter deixado esse legado maravilhoso de dignidade, retidão, honradez e simplicidade, além de ser carinhoso e atencioso. Depois pela saudade, a falta que sentimos dele, a dor sofrida pela sua ida brusca, a frustração de tê-lo perdido justamente quando vim morar aqui.

Sempre foi um pai presente mesmo estando distante, mas sempre lamentei muito morar longe. O destino foi muito cruel comigo, me deu a felicidade de encontrar um bom marido, mas me afastei da minha família. Foi muito difícil lidar com esta distância, sempre senti muita falta dos meus pais. Muitas vezes me peguei contando os dias para chegar logo as férias para que a minha felicidade pudesse ser completa.

Sinto até hoje a falta das de nossas longas conversas, a preocupação e o carinho que demonstrava ter para conosco. Mas quero ressaltar que os seus ensinamentos, a sua fé e sua espiritualidade sempre nortearam a minha vida, a maneira como criei meus filhos, primando pela educação, o que para ele era a maior herança que podia deixar para os filhos.

O papai Zeca Alves do Campo Lindo, de origem humilde, foi muito respeitado chegando a ser presidente do Reriutaba Clube e da Câmara Municipal de Reriutaba, sendo conhecido como uma pessoa séria, íntegra, digna e um comerciante honesto.

Meu pai era muito religioso e, desde cedo, incentivou seus filhos a viver cristãmente, por isso, eu e meus irmãos e irmãs procuramos repassar todos os seus valores para nossos filhos e netos. Obrigada meu pai por ter existido. Sempre senti muito orgulho de ser sua filha. Receba o carinho e a gratidão dos seus netos Vanessa, Emerson Júnior e Gabriel.

Maria Ernestina Alves dos Santos

Ao meu Pai Zeca Alves

Sou muito grato pelo pai que tive. Procuro, dentro das minhas possibilidades, passar aos meus filhos as mesmas lições de vida que ele deixou para mim e meus irmãos, as quais são dignas de louvor por todos que o conheceram. Sempre vou guardá-las e procurar pô-las em prática.

A sua falta deixou uma saudade muito grande, inclusive imagino como seria importante sua presença em minha vida, com suas orientações nas decisões que eu preciso tomar. Digo isso, porque foram muitos os conselhos que ele me deu desde criança, porém alguns deles não segui.

Por acordo entre minha mãe e meus irmãos, ficou decidido que eu ficaria com a **Fazenda Esperança**, em Campo Lindo, uma maneira de perpetuar o nome do meu pai em um bem material que ele muito amava e tinha prazer em sempre visitar e cuidar. Hoje me esforço ao máximo para preservá-la, porque será também uma maneira dele sempre ser lembrado.

Manoel Lopes Alves (Lopinho)

Ao meu estimado Pai

Ainda é muito grande a saudade deixada por meu pai. Lembro com bastante emoção dos nossos longos bate-papos, que começavam descontraidamente e acabavam sempre em assuntos importantes.

Admirava demais o conhecimento que meu pai tinha sobre todos os assuntos. Quase não frequentou a Escola, mas não fazia vergonha conversar com qualquer pessoa sobre os mais diversos assuntos, pois lia muito e acompanhava todos os jornais. Era uma pessoa ávida de conhecimento, e sempre valorizou a educação.

Papai foi um político na verdadeira expressão da palavra, porque para ele fazer política era ajudar as pessoas, pensar no bem da coletividade e no progresso da cidade.

Foi vereador três vezes e de sua participação no cenário político só temos do que nos orgulhar. Era admirador de grandes políticos como Getúlio Vargas e J. K. por suas obras e também pelo espírito empreendedor de cada um.

Lembro-me muito bem das viagens que fazíamos a Sobral, levando as carradas de algodão, momento em que ele sempre se preocupava comigo, já que viajava na carroceria do caminhão e ele temia pela minha segurança.

Eu e meus irmãos lamentamos muito não termos concretizado o seu sonho de conhecer Brasília, pois era um projeto nosso e não deu tempo de realizá-lo.

Francisco Antonio Lopes Alves

Saudades do meu Pai

Meu pai teve um significado especial, principalmente pelo exemplo de vida que passou aos seus filhos como ser humano, esposo, pai, filho, irmão e avô. Na minha vida ele foi uma inspiração junto com a minha mãe, e hoje procuro por em prática todos os valores que aprendi como honestidade, sinceridade e lealdade.

O que eu mais admirava em meu pai era a adoração que ele sentia pelos netos quando crianças, pois ao estar com eles brincava e transmitia uma alegria espontânea, que contagiava a todos. Isso, sem dúvida alguma, era uma demonstração de carinho, encontrado apenas nas pessoas amáveis.

Quero, nesta oportunidade, agradecer a ele pelo pai maravilhoso que foi e pela vida inesquecível que me proporcionou ao seu lado, da minha mãe e dos meus irmãos. Certa vez, em sonho, ele fez a revelação de uma grande decepção que afetaria minha vida profundamente e para sempre. Isso, na verdade, veio a acontecer neste momento difícil que estou passando na vida. Hoje agradeço a Deus por tê-lo levado antes, porque eu não suportaria ver o seu sofrimento.

Tenho certeza que foi acolhido na casa de nosso Pai Eterno com todas as honras que merecia por ter cumprido dignamente sua função terrena. Que ele interceda junto ao Pai por todos nós!

Maria do Livramento Lopes Alves

Ao Tio Zeca

Tio Zeca, O senhor deixou muitas saudades e bons exemplos a serem seguidos. Vi sempre em sua pessoa sobriedade, equilíbrio, honestidade e principalmente um caráter reto.

Também que nem seus filhos, tive a boa sorte de conviver com o senhor quando morei em sua casa e aperfeiçoar esses valores que tanto bem me tem feito ao longo da minha caminhada.

Apreciei ainda as suas qualidades de bom filho, ótimo esposo e excelente pai. E não esqueço esse bom tio que se preocupava com o sucesso da sobrinha e incentivava para que eu sempre crescesse como ser humano e ascendesse cada vez mais na vida.

Obrigada por tudo de bom que recebi quando estudava em sua casa, salientando aqui os seus ensinamentos sábios com o senhor tio Zeca a sua esposa (tia Terezinha), os filhos, Neusinha e Naná.

Rita Lopes (sobrinha)

JOSÉ ALVES NETO, conhecido também como Zeca Alves, nasceu na Fazenda Riachão de Cima a 07 de julho de 1924 e faleceu em Fortaleza no dia 14 de março de 2003. Foi o primeiro comerciante do povoado de Campo Lindo (antigo Riachão de Cima). Era filho de Antonio Alves de Sousa e de Tereza Alves de Medeiros

Casou-se em 05 de fevereiro de 1951 na capela de Campo Lindo com Teresinha de Jesus Lopes, filha caçula de Manoel Lopes de Medeiros, nascida na fazenda Riachão de Cima. Foi celebrante o Monsenhor Expedito Silveira de Sousa, na época vigário de Reriutaba. Desta feliz união, tiveram os filhos: Maria Ernestina Lopes Alves, Maria de Fátima Lopes Alves, Francisco Antonio Lopes Alves, Manoel Lopes Alves, Tereza Orlene Lopes Alves e Maria do Livramento Lopes Alves.

Foi o primeiro comerciante do povoado Riachão de Cima, tendo iniciado suas atividades com apenas 18 anos. Como homem de muita visão e que pensava no futuro da sua família, mudou-se para Reriutaba buscando dar uma vida melhor para os filhos.

Em sua vida sociopolítica, foi vereador por três legislaturas quando já morava em Reriutaba (1962 a 1972), sendo uma de dois anos. Também foi presidente da Câmara Municipal de Reriutaba por dois anos, de 1969 a 1970.

Enquanto homem religioso, foi Secretário da Conferência Vicentina de São Sebastião em Campo Lindo e, em Reriutaba, deu continuidade ao seu apostolado como leigo dedicado à Igreja, exercendo as funções de Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão, desde maio de 1987. Para exercer esta sublime missão, fez o curso em Cariré, por indicação do padre Manoel Rômulo Rocha, então vigário de Reriutaba.